



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**LEANDRA BATISTA DE AZEVEDO**

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA DAS/OS PROFESSORAS/ES:  
ETNOGRAFIA SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO EM DUAS ESCOLAS DE  
CHAPECÓ**

CHAPECÓ-SC  
Fevereiro/2017

**LEANDRA BATISTA DE AZEVEDO**

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA DAS/OS PROFESSORAS/ES:  
ETNOGRAFIA SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO EM DUAS ESCOLAS DE  
CHAPECÓ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientação: Prof. Dr. Ari José Sartori

CHAPECÓ-SC  
Fevereiro/2017

Azevedo, Leandra Batista

A prática pedagógica das/os professoras/es: etnografia sobre as relações de gênero em duas escolas de Chapecó. Leandra Batista. – 2017.

84f. : il.

Orientador: Ari José Sartori.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Chapecó, SC, 2017.

1. Relações de gênero. 2. Escola. 3. Prática pedagógica. I. Sartori, Ari, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III Título.

LEANDRA BATISTA DE AZEVEDO

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA DAS/OS PROFESSORAS/ES:  
ETNOGRAFIA SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO EM DUAS ESCOLAS DE  
CHAPECÓ**

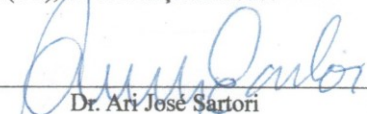
Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientação: Prof. Dr. Ari José Sartori


Esse trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

02 / 03 / 2017

Chapecó (SC), 02 de março de 2017.

  
\_\_\_\_\_  
Dr. Ari José Sartori

  
\_\_\_\_\_  
Dr<sup>a</sup>. Camila Sissa Antunes

  
\_\_\_\_\_  
Dr<sup>a</sup>. Neide Cardoso de Moura

*Ao meu Mr. Armstrong – Gean Carlo Fassini – pela inspiração e paixão pela leitura.*

*I Love you hanny.*

*(in memoriam)*

*E a professora Neusa Milanesi – amiga e exemplo de professora na Educação*

*Básica.*

*(in memoriam)*

## AGRADECIMENTOS

Os livros nunca foram deixados de lado. A cada dia que passou um novo livro me marcou. Ainda tenho aquele livro na antiga estante que me orienta e está sempre comigo de alguma forma, esse livro me inspira e é o livro do amor mais sincero e poderoso, ao qual chamo de vovó. Também vejo outros dois livros que são a razão de eu estar aqui, eles eu chamo de pai e mãe, que de alguma forma transformaram minha vida nesse último ano.

Também tenho os livros do conhecimento e os livros que me inspiraram diretamente no tema da minha pesquisa. Tânia Welter é o exemplo de professora, com dedicação e amor à profissão. Esse livro acredita que uma professora ou um professor pode fazer a diferença em sala de aula e me ensinou a perceber como uma aula pode ser fascinante. Neide Cardoso de Moura foi o livro que me mostrou como a questão de gênero está inserida na sociedade e sua inspiração para fazer oficinas me cativou e, além disso, o amor por ser mulher. E claro, meu orientador, Ari José Sartori que me apresentou a fascinante área da Antropologia, do gênero, da etnografia, da organização, da pesquisa e dos projetos. Obrigada por todos os anos e por ser esse profissional que é. Outros livros passaram por mim durante a graduação e também agradeço imensamente pelas provas, trabalhos, leituras, debates e reflexões que proporcionaram.

Na minha estante ainda tenho os livros da amizade. Aquele livro que sempre me ajudou e me deixou irritada várias vezes durante a minha pesquisa, para ele eu agradeço pela pessoa e amigo que é! Obrigada Diego Rodrigues. Sandrinha, meu livro explosão, de risadas, de segredos, e além de uma amiga querida, obrigada pelos conselhos e por estar comigo nesse ano, você foi meu livro com as páginas mais sinceras e turbulentas. Ahh e meu livro Lewer... Esse eu deixei um pouco de lado durante o ano, mas no final foi o meu livro inspiração, o livro que em cada capítulo tinha uma nova história e a solução para tudo, obrigada imensamente por esses últimos dias e desculpa por ficar distante e não encontrar uma forma de me comunicar ou pedir ajuda. Também tem aquele livro que esteve comigo nos projetos e nas oficinas, obrigada Renata pela amizade, pelo companheirismo, pelas horas de estudo e formação. Você é uma pessoa incrível e merece tudo de melhor. E tem aquele livro que está sempre com um sorriso no rosto, o livro das confidências, livro

da confiança e mesmo não lendo esse livro todos os dias, ele sempre terá um lugar na minha estante. Esse livro chama Camila cachinhos dourados. E obrigada aos demais livros amigos, aqueles que me ouvem e estão sempre comigo nas horas boas e ruins, a vocês, Jonnathan, Felipe, Deivisson, Alan, Daison, Gardel, Debora, Tiago, Meri, Dety, Gardel (pai), Geovane, vocês foram e sempre serão livros para ler a qualquer momento, obrigada pela amizade.

Mas os livros nunca terminam... Tiveram os livros de romances, os livros tristes de suspense e até os livros de tragédia. Todos serviram de alguma forma para aprofundar a minha leitura e não me arrependo de ter lido nenhum.

E assim a vida segue através de livros, páginas, capítulos e escritas que revelam como a vida é ou pode ser. Obrigada a todas/os livros da minha vida!

*O que é verdade, portanto? Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efigie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moeda. (NIETZSCHE, 1974, p.56)*



## **LISTA DE ABREVIACOES**

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

CNPQ: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

EEB – Escola de Educação Básica.

FAPESC – Fundação de Apoio  Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina.

PIBID: Programa Institucional de Bolsa de Iniciação  Docência.

PPP – Projeto Político Pedagógico.

PRONEM – Programa de Apoio a Grupos Emergentes de Pesquisas.

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul tem o objetivo de analisar como as questões de gênero aparecem e são trabalhadas em sala de aula por professoras/es da rede pública de educação. Para alcançar o objetivo central foi realizada uma etnografia com uma observação participante na sala de aula em duas escolas públicas da cidade de Chapecó-SC, contemplando todas as disciplinas obrigatórias do Ensino Médio. Como instrumento para a coleta de dados foi realizado entrevistas semi-estruturadas com dezessete professoras/es e duas Assistentes de Direção. Essa etnografia revelou que as relações de gênero estão no cotidiano escolar e nem sempre são percebidas pelas/es professoras/es e que podem se transformar em preconceitos, discriminações e violências. Por fim, essa pesquisa colaborou para pensar a prática pedagógica de professoras/es e os discursos que são utilizados no cotidiano da sala de aula.

**Palavras-chave:** Relações de gênero. Escola. Prática pedagógica.

## **ABSTRACT**

This monograph of Degree in Social Sciences of the Federal University of the South Frontier (UFFS) aims to analyze how gender issues arise and are processed in the classroom by teachers of the public education. To achieve this goal, a descriptive study was carried out with the presence of the researcher in class in two public schools in the city of Chapecó, State of Santa Catarina, covering all the compulsory subjects of High School. As a research instrument for the data collection, semi-structured interviews were conducted with seventeen teachers and two Assistant Directors of the schools. This descriptive study revealed that the relations of gender (sexuality) are in the daily school life, and yet, they are not always perceived by the teachers, and can turn into prejudices, discrimination and violence. Finally, this research collaborated to rethink the pedagogical practice of teachers and the discourses used in the daily routine of the classroom.

Keywords: Gender relations; school; pedagogical practices.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>6</b>
1.1	METODOLOGIA	10
<b>2</b>	<b>A ETNOGRAFIA EM DUAS ESCOLAS ESTADUAIS DE CHAPECÓ</b>	<b>15</b>
2.1	COMO A QUESTÃO DE GÊNERO APARECE EM SALA DE AULA	15
2.2	A TEMÁTICA DE GÊNERO NOS PROJETOS POLÍTICO PEDAGÓGICO DAS ESCOLAS	27
<b>3</b>	<b>DO SENSO COMUM À CONSTRUÇÃO TEÓRICA DO CONCEITO DE GÊNERO</b>	<b>33</b>
3.1	O CONCEITO DE GÊNERO PARA AS/OS PROFESSORAS/ES DAS ESCOLAS OBSERVADAS	33
3.2	A CONSTRUÇÃO TEÓRICA DO CONCEITO DE GÊNERO	38
<b>4</b>	<b>GÊNERO E SEU DEBATE EM SALA DE AULA</b>	<b>41</b>
4.1	A IMPORTÂNCIA DO DEBATE DE GÊNERO EM SALA DE AULA	41
4.2	OS COMPONENTES CURRICULARES E AS RELAÇÕES DE GÊNERO	44
4.2.1	DESAFIOS QUE AS/OS PROFESSORAS/ES ENCONTRAM PARA TRABALHAR AS QUESTÕES DE GÊNERO EM SALA DE AULA	50
4.3	A “IDEOLOGIA DE GÊNERO”	54
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>67</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>72</b>
	<b>APÊNDICE</b>	<b>76</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Ciências Sociais teve como objeto central analisar as relações de gênero em duas escolas estaduais localizadas na cidade de Chapecó – Santa Catarina. Alguns autores são referência para esta análise, pois estão diretamente ligados à temática e foram-me apresentados durante a graduação de Licenciatura em Ciências Sociais nas disciplinas da área de Antropologia e foi através delas/es que comecei a minha leitura sobre as relações de gênero.

O curso de Licenciatura em Ciências Sociais é dividido em três áreas: Sociologia, Antropologia e Ciência Política. Durante os quatro anos e meio em que cursei essa graduação consegui desconstruir muitos discursos naturalizados na minha formação de Bacharel em Comunicação Social com ênfase em Publicidade e Propaganda. Durante a graduação de Publicidade e Propaganda, trabalhei com algumas propagandas que tinham o tema de gênero inserido, como a questão da mulher e a relação com o mercado de trabalho e acreditava que não existia desigualdade entre o homem e a mulher, mas somente durante a formação posterior de Licenciatura em Ciências Sociais que comecei a ter uma percepção mais crítica sobre o assunto.

A partir do segundo semestre da graduação participei do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/Subprojeto Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul (vínculo de 2012 a 2014), e foi através dele que tive o primeiro contato com a escola. Esse projeto me fez perceber como na escola são moldados determinados comportamentos de meninas e outras para os meninos.

Por exemplo, enquanto as meninas devem ser comportadas, os meninos já são considerados bagunceiros. E essa distinção vai muito além disso, pois a todo momento as/os alunas/os são expostas a referências no livro didático ou de materiais utilizados pelas/os professoras/es que apresentam um “ideal” esperado para ser mulher e homem na sociedade.

Essa percepção ocorreu através das observações em sala de aula e dos relatórios produzidos durante todo o desenvolvimento do PIBID. Além de que, durante a participação no projeto, todas/os participantes tiveram acesso a leituras e

cursos/formações sobre as relações de gênero na escola, que proporcionou um olhar mais atento na hora de observar o ambiente escolar.

Outros projetos que também contribuíram na observação participante dessa pesquisa foi o Projeto “Antropologia, Gênero e Educação em Santa Catarina” (vínculo de 2012 a 2015) que é um projeto de pesquisa no âmbito do PRONEM/FAPESC/CNPQ, e possibilitou uma formação teórica sobre o tema. Nesse projeto também tive acesso a oficinas sobre gênero e participei de vários seminários e congressos sobre a temática.

O projeto de extensão “Oficinas gênero na educação: espaço para a diversidade” da Universidade Federal da Fronteira Sul, proporcionou um contato com educadoras/es e mostrou a importância da formação continuada em gênero. Nesse projeto tive o vínculo como bolsista no ano de 2014 a 2016 e participei de várias oficinas com professoras/es da rede Estadual e Municipal de Santa Catarina.

Além disso, fui colaboradora do Projeto “Qualificação científica de professores e alunos da escola básica da rede pública de municípios do oeste catarinense” projeto interdisciplinar aprovado pela CAPES (Programa de Apoio a Projeto Extracurriculares: Investindo em Novos Talentos – Edital nº 055/2012). Nessa etapa ministrei oficinas sobre gênero e sexualidade numa escola de Chapecó durante dois anos que foram possibilitadas devido aos projetos supracitados.

Para chegar ao objetivo principal deste trabalho que é analisar como as questões de gênero aparecem e são trabalhadas na sala de aula foi realizada uma etnografia. Para a consolidação da etnografia, realizei uma observação participante e durante as observações nas duas escolas que iniciaram no mês de Abril de 2016 e foram até o início de Maio do mesmo ano, me desloquei para assistir as aulas de todas as disciplinas<sup>1</sup>, no horário diurno e noturno.

A observação participante teve como ponto central constatar as relações na prática pedagógica, conteúdo e relação das/os estudantes com as/os professoras/es sobre as questões de gênero. Por exemplo, observei a distribuição das/os estudantes em sala, o relacionamento entre as meninas e os meninos, as expressões de gênero – feminilidade e a masculinidade e a linguagem utilizada pelas/os professoras/es.

---

<sup>1</sup> Observei as turmas de primeiro, segundo e terceiro ano do Ensino Médio contemplando as disciplinas de Português, Inglês, Matemática, Geografia, História, Sociologia, Filosofia, Química, Física, Biologia, Artes e Educação Física.

O projeto inicial tinha como definição de objeto pesquisar três escolas da cidade de Chapecó. Optei, por questão de tempo e para aprofundamento da etnografia, observar somente duas escolas. Uma localizada em um bairro próximo ao centro; e a segunda em um bairro mais distante do centro<sup>2</sup>, com o objetivo de constatar realidades diferentes: uma tem uma proposta de Ensino Médio que designam como Inovador<sup>3</sup> e outra não.

O processo de observação participante foi iniciado com a apresentação do pré-projeto para a Gerência de Educação Chapecó, que é órgão da Secretaria de Educação de Santa Catarina, seguido de encaminhamento de documentação para autorização da pesquisa, visita nas escolas para entrega da documentação e conversa com as Assistentes de Direção para marcar as visitas e início das observações.

A partir do início das observações foi possível compreender que na escola as/os estudantes também são ensinadas/os com base no que é feminino e no que corresponde ao masculino. Algumas coisas são evidentes como a divisão dos banheiros em feminino e masculino e outras nem tão evidentes como a prática de esportes na Educação Física atribuídas a cada gênero.

Essa divisão de gênero é construída pela nossa cultura e historicamente vem sendo reproduzida, como a ideia de que a menina deve ser ensinada para cuidar do lar e das/os filhas/os e o menino a trabalhar fora. No entanto, essa dicotomia pode ser desconstruída e trabalhada para uma educação baseada na igualdade de gênero. Essa desconstrução é necessária para que as desigualdades nas relações de poder que privilegiam homens sobre as mulheres sejam superadas.

Essas questões que motivaram essa pesquisa surgiram de algumas inquietações. O primeiro motivo de resolver abordar a temática de gênero no Trabalho de Conclusão de Curso ocorreu pela razão de acreditar que professoras/es ao exercerem sua função influenciam as/os estudantes e tem uma responsabilidade com a formação de cada um.

A formação da escola transmite valores, julgamentos e opiniões. Logo, a figura da professora ou do professor pode servir de modelo, seguindo um caminho

---

<sup>2</sup> A distância entre as duas escolas é de 8,4 km.

<sup>3</sup> Ampliação do tempo da/o estudante na escola, com oferta de outras disciplinas, além das obrigatórias, como esporte, música e cultura.

que valorize a igualdade de gênero e sem que as suas percepções sejam baseadas numa distinção dele.

Segundo, que analisar a prática pedagógica e o conteúdo trabalhado por professoras/es pode revelar a importância da formação continuada nessa temática. Isso eu percebi ao longo da graduação participando de projetos de Ensino, Pesquisa e Extensão expostos acima, que mostraram a necessidade de sempre estar atenta às questões de gênero.

Na Legislação, como a Proposta Curricular de Santa Catarina (2014) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica (2013) pressupõe-se que a temática gênero faça parte do currículo das escolas. Esses documentos consideram a questão de gênero como uma categoria da vida social, e, por isso, deve ser contemplada com políticas públicas.

A escola tem o objetivo de transmitir saberes como aponta as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica e essa prática deve considerar todos os sujeitos, indiferente de raça, classe ou gênero. Fica evidente nesses documentos a preocupação com o fim do preconceito e da discriminação para que haja igualdade entre homens e mulheres.

Para tanto, existem alguns discursos que são contrários a esses documentos, como as/os pesquisadoras/es e grupos que defendem a “ideologia de gênero”. Para essas/es a questão de gênero não deve ser um tema trabalhado em sala de aula, pois exerceria influência sobre as/os estudantes em relação a sua sexualidade, no caso incentivar a homossexualidade.

Outro objetivo foi identificar se a escola apresenta o tema de gênero no Projeto Político Pedagógico no item de projetos e ações e como pretende trabalhar isso na escola. E também foi necessário entender se há diferença na prática pedagógica e no conteúdo entre professoras/es que já tiveram alguma formação em gênero e entre as/os professoras/es que ainda não tiveram essa formação. E, por fim, observar se a “ideologia de gênero” está presente nos discursos de professoras e professores e direção das escolas.

Este Trabalho de Conclusão de Curso estará organizado em quatro capítulos. No primeiro capítulo contempla a problemática de pesquisa, a justificativa, objetivos e a metodologia da pesquisa; Capítulo 2: será apresentado os desdobramentos da etnografia e como as questões de gênero aparecem nos Projetos Político Pedagógico das escolas; Capítulo 3: apresenta do senso comum a construção



teórica do conceito de gênero e Capítulo 4: exibe a importância de trabalhar gênero em sala de aula, os desafios encontrados pelas/es professoras/es e a questão da “ideologia de gênero”. Ao fim, apresento as considerações finais da etnografia baseada nos resultados da observação participante.

## 1.1 METODOLOGIA

Para a realização do Trabalho de Conclusão de curso, foi escolhida como metodologia uma pesquisa qualitativa e como método uma etnografia em duas escolas Estaduais da Cidade de Chapecó. Para que a etnografia ganhasse uma narrativa, como explica Michael Angrosino (2009), ocorreu anteriormente uma observação participante.

Segundo Angrosino (2009, p. 71) “a boa etnografia é o resultado da triangulação – o uso de múltiplas técnicas de coleta de dados para reforçar conclusões”. Essa etnografia foi composta por uma observação participante das aulas de Português, Inglês, Matemática, Geografia, História, Sociologia, Filosofia, Química, Física, Biologia, Artes e Educação Física que compõem o Ensino Médio. Além disso, para coleta de dados realizei entrevistas semiestruturadas com as/os professoras/es das aulas observadas e com duas Assistentes de Direção.

Ao total foram 96 horas de observações e aproximadamente sete horas de entrevistas semiestruturadas<sup>4</sup>. Porém, algumas professoras e professores que tiveram suas aulas observadas não quiseram responder a entrevista afirmando não ter interesse. Na Escola de Educação Básica Rosas Vermelhas<sup>5</sup> não respondeu a professora de Sociologia, Artes e Biologia e na Escola de Educação Básica Lírios Brancos<sup>6</sup> o professor de Educação Física, Química, Física e Geografia.

Para esse trabalho foram entrevistas/os dezessete professoras e professores, sendo: dez efetivos e sete em caráter temporário, oito são casadas/os e nove solteiras/os, sete tem filhas/os e dez não possuem filhas/os, quatro tem pós-graduação e treze apenas graduação. Das/os dezessete professoras/es, apenas oito atuam na Educação Básica há mais de dez anos.

---

<sup>4</sup> As entrevistas semiestruturadas permitem uma entrevista mais espontânea. Através disso, eu tinha algumas questões pré-definidas e conforme o roteiro ia seguindo, eu pude explorar algumas questões relevantes para a pesquisa.

<sup>5</sup> Nome fictício criado para a escola com o objetivo de preservar sua identidade.

<sup>6</sup> Nome fictício criado para a escola com o objetivo de preservar sua identidade.

Dentre as/os colaboradoras/es apenas cinco professoras/es afirmaram ter formação em gênero. A professora Solange<sup>7</sup> de Sociologia possui graduação de Licenciatura em Ciências Sociais que possibilitou contato com o tema nas disciplinas e projetos em que participou; o professor Richard de História, a professora Leticia de Português, a professora Marizete de Português e o professor João de Filosofia, participaram de um curso sobre gênero e sexualidade no ano de 2011 na Universidade Federal da Fronteira Sul, do qual não recordam.

Para Angrosino (2009, p. 16) a etnografia “[...] significa literalmente a descrição de um povo. É importante entender que a etnografia lida com gente no sentido coletivo da palavra, e não com indivíduos”. No caso da etnografia realizada em questão foi o coletivo formado por duas escolas da cidade de Chapecó.

Assim sendo, é uma maneira de estudar pessoas em grupos organizados, duradouros, que podem ser chamados de comunidades ou sociedades. O modo de vida peculiar que caracteriza um grupo é entendido como a sua cultura. Estudar a cultura envolve um exame dos comportamentos, costumes e crenças aprendidos e compartilhados do grupo. (ANGROSINO, 2009, p. 16).

A escola pertence a uma comunidade e seu desafio é oferecer a essa comunidade educação (ATIÉ, 1999). Para Lourdes Atié (1999, p. 3) ela “[...] precisa romper seus muros e estar plenamente inserida no seu tempo e na comunidade a qual pertence”.

Diante disso, para que essa etnografia se tornasse uma narrativa como define Angrosino (2009), foi necessária, primeiramente, realizar uma observação participante. A observação participante nas escolas foi iniciada na segunda semana do mês de Abril de 2016, pois a Gerência de Educação de Chapecó estava em recesso.

De acordo com Angrosino (2009, p. 31) a etnografia deve ser baseada na pesquisa de campo, personalizada, multifatorial e ser um compromisso a longo prazo, indutivo, dialógico e holístico.

Para realizar uma etnografia segui três passos, conforme Roberto Cardoso de Oliveira (2000, p. 25) olhar, ouvir e escrever. O escrever é o momento que “se o olhar e o ouvir podem ser considerados como os atos cognitivos [...], no ato de escrever, portanto, na configuração final do produto desse trabalho, que a questão

---

<sup>7</sup> Nome fictício para o nome da professora. Todas/os os nomes foram preservados

do conhecimento torna-se tanto ou mais crítica”, explica o autor. Ou como contempla Hélio R. S. Silva (2009, p. 183) ao dizer que o etnólogo “[...] é um redator, um editor, um revisor, um *copy-desk*”.

Com esses três passos eu consegui as interrogações que resultaram nesta etnografia. Naquelas horas dentro da sala de aula exerci uma ação – de observar, ouvir e escrever, pois naquele momento que estava na sala de aula ao mesmo tempo vendo, ouvindo e escrevendo, estava produzindo relações e me comunicando de alguma forma com quem estava ao meu redor.

Gilberto Velho (1978, p. 39) entende que “[...] o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido, e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas até certo ponto, conhecido”. O espaço escolhido como sala de aula é familiar, pois também fui estudante da Educação Básica, mas no momento da observação desse espaço foi necessário transformar esse familiar em estranhamento para obter uma reflexão mais aprofundada.

Para Roberto da Matta (1987) a/o etnóloga/o passa por um processo de rito de passagem, sai de uma sociedade e passa a integrar outra, nessa passagem ela/e precisam deixar tudo de lado, como os seus preconceitos. A principal tarefa da/o etnóloga/o é fazer o exercício de transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico. Fazendo isso, encontra-se o local social que está distante da/o etnóloga/o.

Como já dito, a sala de aula era familiar, e ao tornar-se um espaço exótico as observações realizadas permitiram gerar as experiências que são apresentadas nesta etnografia. Para que ocorresse o processo descrito por Da Matta (1987) foi preciso questionar as observações para se tornar uma narrativa – etnografia.

Contudo, apenas as observações não seriam suficientes. Portanto para atender ao objetivo da pesquisa entrevistei as/os professoras/es das aulas observadas para compreender suas atitudes que fizeram ou deixaram de fazer, além das falas que ocorreram durante as aulas. Também foi necessário entrevistar as/os responsáveis pela escola, para conhecer se a escola tinha projetos em relação a temática, a critério das escolas somente as Assistentes de Direção responderam a entrevista.

O roteiro das entrevistas<sup>8</sup> foi baseado na observação participante, no entanto foi necessário adaptar para cada entrevistada/o considerando algumas situações específicas de suas aulas.

Sobre o tema, antes de entrar na sala de aula eu me apresentei e comentei com a professora ou professor sobre minha pesquisa e que estaria observando a sua aula. Na EEB Lírios Brancos a direção da escola enviou o meu pré-projeto para o email de todas/os professoras/es para ter conhecimento da minha pesquisa e objetivos.

A respeito das conversas informais e observações de corredores, todas as falas contidas nessa pesquisa foram gravadas com consentimento e autorização ou anotadas durante os diálogos no diário de campo, tendo em todos esses momentos os nomes reservados, utilizando nomes fictícios para todas/os as/os colaboradoras/es.

Ao fim, ocorreu que além de pesquisadora e observadora, eu fui solicitada para debater o assunto em dois momentos nas escolas. No primeiro caso, fui convidada pela Assistente de Direção da EEB Lírios Brancos a debater o assunto diversidade e gênero em sala de aula (função de professora).

Essa situação ocorreu porque no ano de 2016 fui professora de Sociologia no período noturno na mesma escola, porém antes de começar a trabalhar eu já estava encaminhando a pesquisa. As aulas observadas na EEB Lírios Brancos foram no contra turno.

No entanto, eu já havia apresentado o meu pré-projeto de pesquisa para a Assistente de Direção da EEB Lírios Brancos e já tínhamos conversado sobre a temática. Nesse dia da conversa, eu entreguei a documentação para realizar a pesquisa na escola e ela me questionou sobre os cursos e meus conhecimentos sobre diversidade, gênero e sexualidade.

Durante uma observação na escola a Assistente de Direção precisou permanecer numa sala de aula pela ausência de uma professora. Oportunamente ela solicitou minha ajuda para realizar um debate com a turma sobre a minha pesquisa na escola.

Esse debate poderia ter comprometido a minha pesquisa, pois não fui até a escola para trabalhar o assunto, mas sim, para saber como ele é trabalhado. Essa

---

<sup>8</sup> Apêndice 1.

situação foi além do que era solicitado para a minha função na escola, mas mesmo sendo um imprevisto, não alterou a minha observação, pois já tinha contato com uma professora dessa turma que iria trabalhar alguns temas, e rapidamente quando fui colocada a situação de debater, utilizei os temas (diversidade, gênero) para realizar uma conversa.

No caso, a professora era de Sociologia e também trabalhava no período noturno e durante uma reunião de professoras/es, nós sentamos para discutir o planejamento da disciplina e ela comentou que iria trabalhar com o tema nas turmas do período da manhã. Então, apenas perguntei para a turma o que elas/es entendiam sobre gênero e se elas/es já tiveram contato com o tema em alguma aula.

No segundo caso, na mesma escola que fui observadora, também intervi para trabalhar gênero na escola. Na EEB Rosas Vermelhas retornei no mês de Junho, após observações e entrevistas a convite da Assistente de Direção para trabalhar com todas as turmas do Ensino Médio. Esse convite surgiu a partir de uma conversa informal entre as Assistentes de Direção da EEB Rosas Vermelhas e da EEB Lírios Brancos (que realizou a indicação).

Através de conversas paralelas das/os estudantes e de uma conversa com a Assistente de Direção da EEB Rosas Vermelhas, deu a entender que a Direção não queria que o tema fosse debatido na escola e isso só ocorreu porque foi indicação. Em conversa com a Assistente de Direção da EEB Rosas Vermelhas, ela explicou que existe uma dificuldade em trabalhar com o tema “gênero” na escola e que as/os estudantes há tempo estão pedindo oficinas e/ou palestras sobre gênero.

Enfim, essa etnografia visa entender aspectos do cotidiano da sala de aula correspondente às relações de gênero. Para mim, como educadora, a questão de gênero é um tema que deve estar inserido e contemplado pelo currículo e pela prática pedagógica.

## 2 A ETNOGRAFIA EM DUAS ESCOLAS ESTADUAIS DE CHAPECÓ

A etnografia foi realizada com o objetivo de compreender como as questões de gênero aparecem e são trabalhadas em sala de aula. Neste capítulo será apresentado os resultados de muitas observações em sala de aula e de alguns pontos importantes que foram questionados nas entrevistas com as/os professoras/es das aulas assistidas. Também apresentará como o tema aparece nos Projetos Políticos Pedagógicos e as entrevistas realizadas com as Assistentes de Direção das escolas sobre a temática de gênero. Os dados apresentados nesse capítulo foram discutidos à luz de referenciais teóricos.

### 2.1 COMO A QUESTÃO DE GÊNERO APARECE EM SALA DE AULA

Durante as visitas de campo nas escolas estava atenta para a prática pedagógica das/os professoras/es, para o conteúdo das disciplinas (aulas assistidas), para a relação professora/professor-aluna/aluno, para a linguagem utilizada pelas/os professoras/es e estudantes e também na organização da sala de aula, como trabalhos em grupos e distribuição das/os estudantes na sala de aula.

O primeiro ponto observado foi a organização das/os estudantes em sala, tanto durante a aula como também na realização de trabalhos em duplas ou grupos. No desenvolvimento dessas atividades as/os professoras/es direcionavam o trabalho e as/os estudantes que escolhiam com quem iriam se agrupar, e, como observado, essa divisão na maioria das vezes ocorreu conforme a diferenciação de sexo. Durante todo o período da pesquisa presenciei em apenas uma atividade um grupo formado exclusivamente por meninos e meninas, e apenas três trabalhos com duplas mistas.

As/os estudantes ocupavam diferentes espaços, não existia uma regra específica em nenhuma das escolas observadas em relação à essa questão, com exceção apenas do banheiro, em que havia um destinado aos meninos e outro para as meninas. No entanto, segundo as/os professoras/es, no espaço interno da sala de aula a organização e distribuição das/os estudantes eram eles que se auto organizavam de acordo com suas afinidades.

A este respeito, na 4ª Conferência Mundial sobre a Mulher, que ocorreu em Pequim em 1995, foi apresentada a escola como espaço onde meninos e meninas

sejam encorajados/as a alcançar seus potenciais. Alguns exemplos para alcançar esses objetivos são: misturar meninos e meninas seja em trabalhos e/ou atividades como na hora do intervalo; brincadeiras em conjunto com meninos e meninas; utilização do mesmo tom de voz tanto para meninos como para meninas; oferecer oportunidades iguais para todas/os; trabalhar com a desconstrução de estereótipos – menino corajoso e menina organizada, entre outros (PEQUIM, 1995).

Para Guacira Lopes Louro (2003, p. 64) quando se questiona a naturalização ou não da separação de meninos e meninas, deve-se levar em conta que tudo relacionado à escola e ao aprendizado é “[...] *loci* das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe – são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores”. A resposta para a divisão entre meninos e meninas está além do binarismo, comenta a autora.

A escola, além de outros lugares determina como os corpos de meninas e meninos ocupam os espaços sociais (LOURO, 2003). O binarismo de gênero, ou seja, a exclusividade de ser apenas masculino-feminino ou homem-mulher através de um discurso hegemônico considera anormais os demais tipos de comportamentos que naturalizam a sexualidade.

Muito além disso devemos também pensar nas relações de poder, pois ao tratar dessa questão chegamos à linguagem. De acordo com Louro (2003, p. 65) “[...] a linguagem é, seguramente, o campo mais eficaz e persistente – tanto porque ela atravessa e constitui a maioria das nossas práticas, como ela nos aparece, quase sempre, muito ‘natural’”.

A linguagem das/os professoras/es durante as aulas sempre foi no genérico masculino, isso foi muito evidente durante todas as aulas observadas. Como forma de alerta, Paki Venegas Franco e Julia Pérez Cervera (2006), no “Manual para o uso não sexista da linguagem”, explicam que a linguagem pode servir para reforçar discriminações. Segundo elas,

Uma das formas mais sutis de transmitir essa discriminação é através da língua, pois esta nada mais é que o reflexo de valores, do pensamento, da sociedade que a cria e utiliza. Nada do que dizemos em cada momento de nossa vida é neutro: todas as palavras têm uma leitura de gênero. Assim, a língua não só reflete, mas também transmite e reforça os estereótipos e papéis considerados adequados para mulheres e homens em uma sociedade (FRANCO; CERVERA; 2006, p. 05).

A linguagem masculina foi utilizada nas aulas para se referir as/os estudantes e também para explicar o conteúdo. Por exemplo, usou-se “[...] alunos prestem atenção [...], [...] isso ocorreu nessa época onde o homem vivia em pequenas sociedades [...], [...] meninos podem copiar [...], [...] meninos agora vocês vão responder individualmente essas questões [...]”.

Ou seja, isso mostra o uso sexista<sup>9</sup> da linguagem “[...] oral e escrita (nas conversações informais e nos documentos oficiais) que transmite e reforça as relações assimétricas, hierárquicas e não equitativas que se dão entre os sexos em cada sociedade e que é utilizado em todos os seus âmbitos” (FRANCO; CERVERA, 2006, p. 05).

Durante a entrevista, ao serem questionados sobre essa questão, as/os professoras/es tiveram a mesma resposta. Para elas/es não é importante a utilização da linguagem no masculino e feminino, pois todas/os as/os estudantes entendem que ao dizer “meninos copiem” é para todas/os. Essa divisão da linguagem não justifica uma forma de combater a discriminação, contesta Marizete (Português, EEB Rosas Vermelhas).

Louro (2003, p. 65) afirma que “[...] a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças”. A autora observa que a menina deve automaticamente entender que ela está incluída no discurso da professora ou do professor, quando a/o mesma/o apenas utiliza sua fala no masculino, mas questiona se isso realmente é verdade, se essa seria uma forma de inclusão ou de manter a menina escondida.

Dessa forma,

[...] a linguagem institui e demarca os lugares dos gêneros não apenas pelo ocultamento do feminino, e sim, também, diferenciadas adjetivações que são atribuídas aos sujeitos, pelo uso (ou não) do diminutivo, pela escolha dos verbos, pelas associações e pelas analogias feitas entre determinadas qualidades, atributos ou comportamentos e os gêneros (do mesmo modo como utiliza esses mecanismos em relação às raças, etnias, classes, sexualidades etc.). (LOURO, 2003, p. 67).

Outro momento que a linguagem demarcou os lugares na sala de aula foi na questão dos apelidos. Durante as aulas de Português, Física e Artes, apareceram apelidos e xingamentos sendo utilizados pelas/os alunas/os de forma pejorativa

---

<sup>9</sup> Para sexismo entendemos a discriminação de gênero baseado no sexo (CARRARA ET AL, 2009).



como “viado”, gay e deficiente. Como exemplo, “seu viado, é seu nome para colocar aqui”, “mas, é um deficiente”, “pare, seu gay”.

Para as/os professoras/es a forma de trabalhar com os apelidos e xingamentos quando percebidos durante a aula é através do diálogo. Todas/os professoras/es explicaram que param a aula no exato momento que o apelido ou xingamento apareceu e debatem sobre o assunto. O exercício compreende em fazer com que a/o aluna/o entenda a situação e se coloque no lugar do outro.

Termos como “viado, gay e deficiente” deveriam ser trabalhados para não se tornar algo comum na linguagem das/os estudantes. Porém, durante as observações os apelidos não foram debatidos e em resposta a isso, as/os professoras/es afirmaram que não perceberam e/ou não ouviram esses diálogos em sala de aula.

Para Flávia de Mattos Motta (2011) é necessário que ocorra uma mudança na linguagem para que se tenha um debate focado na mudança das relações de gênero. Muitas vezes isso passa despercebido, como no exemplo dos apelidos, que poderia ser uma oportunidade ideal para um debate crítico na sala de aula.

A autora entende que brincadeiras, piadas e apelidos na sala de aula podem despertar para outros assuntos transversais, como as relações de gênero ou até mesmo sobre a questão da sexualidade. Motta (2011) conclui que as/os profissionais da educação devem trabalhar as informações que aparecem durante a aula com suas/seus estudantes mesmo que pareça apenas uma brincadeira, pois tudo que falamos é uma forma de se expressar concepções de homem, mundo e de sociedade.

Em outro caso, durante a aula de Português a professora Marizete (Português, EEB Rosas Vermelhas) chamou a líder da turma para buscar os livros didáticos da disciplina para as/os estudantes. Porém, após chamar a aluna Mariana para a tarefa à professora Marizete disse “[...] deixa, você é fraca, chama então o João que é forte [...]”. Na entrevista, a professora Marizete (Português, EEB Rosas Vermelhas) afirmou que existem diferenças entre meninos e meninas, no modo como se comportam e nas tarefas que devem exercer, como a questão da força em que ela afirma que homens são mais fortes do que mulheres.

Cláudia Vianna (1997) questiona a existência de características apenas femininas e outras apenas masculinas. Se a resposta a esse questionamento for que existem sim essas diferenças, seria preciso questionar se elas são inatas, ou seja,

se essas características são determinadas biologicamente ou se são construídas socialmente.

Para Vianna (1997) existe uma simbologia para o homem e a mulher. Nesse caso, a mulher estaria próxima à natureza e o homem ao social. Sendo assim, começam a existir estereótipos de que a mulher é fraca, frágil e é conduzida por questões emocionais. Já o homem seria forte e agressivo, pois é guiado pelo racional.

Na organização da escola alguns valores e características são atribuídos a mulheres e homens e estereótipos são reforçados. Como no caso sexista apresentado acima de que a mulher é fraca. Essa atitude interfere diretamente na autoestima da mulher/menina, por isso precisa de um conhecimento das/os profissionais da Educação diante de estereótipos e imagens negativas sobre as mulheres/meninas.

Com base nas discussões presentes na 4ª Conferência Mundial sobre a Mulher (1995) a escola precisa reforçar a autoestima das meninas na sala de aula e não reforçar estereótipos já existentes. Como já dito, a linguagem tem força sobre as construções sociais e culturais que reforçam a inferioridade das mulheres em relação aos homens.

Atitudes desse tipo na sala de aula durante a infância podem refletir no futuro da mulher, trazendo consequências como “[...] a privação e exclusão na vida social” (PEQUIM, 1995, p. 95) É necessário adotar iniciativas para “[...] preparar a menina a participar ativa e eficazmente, em igualdade com os meninos, em todos os níveis de liderança nas áreas econômica, política e cultural”.

Quando questionada sobre a relação de meninos e meninas na sala de aula Marizete (Português, EEB Rosas Vermelhas) em entrevista, menciona: “percebo na sala de aula no convívio, meninos de um lado e meninas de outro e isso é o machismo. Mas fiz alguns trabalhos para tentar juntar, porém os meninos são a autoridade na sala de aula”. Essas autoridades dos meninos são consequências da hierarquia estabelecida nas relações de gênero (LOURO, 2008).

Na aula de Educação Física em determinados momentos a questão do sexo também justificou algumas ações das/os professoras/es. No primeiro caso, o professor Henrique (Educação Física, EEB Rosas Vermelhas) separou os times para uma competição de vôlei, ao fazer a separação ele não misturou meninas com meninos.

O professor Henrique (Educação Física, EEB Rosas Vermelhas) justificou na entrevista que existem diferenças entre meninos e meninas. Para ele,

As meninas são mais, como posso dizer... meigas, quietas. Os meninos são mais agitados e tal. Na minha aula eles querem jogar futebol e as meninas querem conversar, daí preciso chamar e fazer elas jogar vôlei ou outra coisa. Mas tem diferenças e eu acho que isso já vem do nascimento, é biológico. (Henrique, Educação Física, EEB Rosas Vermelhas).

Nesse caso o professor está relacionando as características e diferenças entre as/os estudantes como algo biológico. Ou seja, para ele isso seria algo natural e inato, como justifica Vianna (1997). No entanto, explica Eliane Rose Maio Braga (2007, p. 214) “a diferença biológica é apenas o ponto de partida para a construção social do que é ser homem ou mulher”.

Portanto, as diferenças entre os gêneros são socialmente e culturalmente construídas. Segundo Louro (2003) o termo gênero começa a marcar as diferenças entre homens e mulheres, e logo, essa categoria mostra como as relações e as diferenças entre homens e mulheres estão baseadas na questão do poder.

Por isso, na hora de separar os times o professor acredita que para fazer com que as meninas participem precisaria mantê-las juntas. Outro motivo para a divisão nos jogos de futebol, segundo o professor é porque “os meninos são fortes e as meninas são fracas, não posso deixar eles no mesmo time para não se machucar” (Henrique, Educação Física, EEB Rosas Vermelhas).

Como já dito por Vianna (1997) a questão de força não é algo biológico. Esse estereótipo serve de manutenção para a desigualdade de gênero. O fato da menina não poder jogar futebol porque poderia se machucar não justifica o discurso do professor.

No segundo caso o professor Henrique (Educação Física, EEB Rosas Vermelhas) encaminhou a turma para organizarem-se em dois grupos, um para jogar vôlei e outro para jogar futebol. Sem a intervenção do professor, todos os alunos foram jogar futebol e todas as alunas foram jogar vôlei, com apenas uma exceção de uma aluna que pediu para o professor se poderia jogar futebol que obteve a seguinte resposta: “vai lá com as meninas!”.

O professor se justificou na entrevista dizendo que ele havia mandado a aluna jogar vôlei para evitar que se machucasse. Porém, foi claro em dizer “[...] é melhor que as meninas joguem vôlei mesmo, não quero arrumar confusão [pausa] você

sabe, vôlei é para meninas e futebol para meninos” (Educação Física, EEB Rosas Vermelhas).

Ao ser questionado sobre que confusão ele se referia, contestou que juntar alunas e alunos na Educação Física pode dar “dores de cabeça” como: “[...] brigas, discussões [pausa] os meninos são muito competitivos e é só uma aula normal de Educação Física”, respondeu o professor.

O terceiro caso foi no Dia do Desafio<sup>10</sup>, sem que o professor Henrique (Educação Física, EEB Rosas Vermelhas) dissesse o que cada aluna e aluno pudesse fazer, os mesmos se auto organizaram na prática de esportes seguindo o mesmo padrão do caso anterior. Com apenas um diferencial que foi o caso de uma dupla de alunos jogando tênis de mesa.

Segundo Eustáquia Salvadora de Sousa e Helena Altmann (1999) meninos e meninas durante seu processo de educação são educados de acordo com padrões de uma construção social e também corporal relativa ao sexo, ou seja,

Se os corpos assumem a organização social, a política e as normas religiosas e culturais, também é por seu intermédio que se expressam as estruturas sociais. Assim, há uma estreita e contínua imbricação entre o social e o biológico, um jeito de ser masculino e um jeito de ser feminino, com atitudes e movimentos corporais socialmente entendidos como naturais de cada sexo (Connel 1990). Portanto, o processo de educação de homens e mulheres supõe uma construção social e corporal dos sujeitos, o que implica – no processo ensino/aprendizagem de valores – conhecimentos, posturas e movimentos corporais considerados masculinos ou femininos. (SOUSA; ALTMANN, 1999, p. 54).

Em nenhum dos casos o professor trabalhou com as/os estudantes que os esportes podem ser praticados por ambos os gêneros. Contudo, na disciplina de Educação Física a diferenciação entre homens e mulheres é marcante, de acordo com Sousa e Altmann (1999, p. 56) parafraseando Kunz (1993) fomenta que “[...] a Educação Física constitui o campo onde, por excelência, acentuam-se, de forma hierarquizada, as diferenças entre homens e mulheres”.

Segundo Louro (2003, p. 72-73) a disciplina de Educação Física ainda é “[...] uma área onde as resistências ao trabalho integrado persistem, ou melhor, onde as resistências provavelmente se renovam, a partir de outras argumentações ou de

---

<sup>10</sup> Realizado no dia 25 de maio de 2016. Foi a prática de alguma atividade física que envolve todos os municípios em uma competição amigável. O objetivo é que toda a população faça exercício, vence o município que aderir o maior percentual de participação. Nas escolas observadas, sempre tinha alguém filmando ou tirando foto a cada hora para marcar quantos estudantes estavam participando.

novas teorizações”. Conforme a autora a história da disciplina está vinculada a Biologia, que justifica a separação de meninas e meninos nas atividades pelo sexo.

Louro (2003, p. 73) afirma que ainda é aceita “[...] a ideia de que as mulheres são, fisicamente, menos capazes do que os homens [...]”. Isso explica o padrão seguido nas aulas de Educação Física em relação a separação entre as alunas e alunos para a prática de esporte com base no sexo.

Importante destacar que o terceiro caso nos traz um exemplo muito importante para compreender como se estabelecem as relações de gênero. A partir dele foi possível evidenciar que o discurso do professor para a divisão entre as alunas e alunos para a prática de esportes passa a ser reproduzida por esses quando possuem a oportunidade e autonomia para se auto organizarem. Dessa forma não acontece nenhum processo de desnaturalização dos papéis de gênero, e sim ocorre apenas a sua manutenção.

Louro (2003) entende que a classificação do feminino e masculino está no âmbito cultural, para a autora o corpo numa perspectiva cultural com fatores biológicos e anatômicos legitima os discursos naturalizados sobre homens e mulheres. Tal classificação projeta uma desvalorização da mulher, e, assim, o homem sempre será visto como superior a mulher.

Em uma aula de matemática um estudante chamou seu colega e disse “[risos] isso é coisa de mulher, homem”. O comentário foi motivado pelo fato de seu colega mostrar que estava usando uma meia de pelinhos colorida o que revela que esses estudantes percebem e classificam as coisas de acordo com o sexo.

De acordo com o professor Pedro (Física; Matemática, EEB Rosas Vermelhas) não podemos ser tão sistemáticos a respeito de coisas somente para meninos e meninas. As/os estudantes fazem essa relação de que algumas coisas seriam somente para meninas e outras somente para meninos, porém essa relação não existe na sala de aula, explica o professor.

Para Motta (2011) o mundo é classificado em feminino e masculino como algo naturalizado. Há exemplos, na associação de cores a determinado gênero. A autora relaciona essa ideia de separação em “pares de opostos”. Mas,

O problema é que, quando estabelecemos essas oposições, e associamos a esses “pares de opostos” os significados vinculados ao masculino e feminino na nossa sociedade, acabamos projetando nossos “preconceitos” – que nossa cultura nos ensinou sobre essas categorias. Se prestarmos atenção nos “pares de opostos” [...] veremos que não são tão-somente “opostos”, mas que alguns deles supõem não só diferença, oposição ou complementaridade, mas hierarquias. (MOTTA, 2011, p. 52).

Os casos vistos até agora revelam que todas as justificativas para a separação de atividades considerando sempre o sexo expressam os preconceitos construídos socialmente reforçando uma hierarquia nas relações de gênero. Além disso, os “pares de opostos” também interferem na forma como meninas e meninos se comunicam, como no caso acima.

Nos processos de ensino-aprendizagem as/os professoras/es contam com algumas ferramentas pedagógicas, como a música. Em uma aula de Português o professor utilizou essa ferramenta para auxiliar na concentração durante o desenvolvimento de uma atividade.

Em meio a ela uma aluna gritou “coloca Pais e Filhos<sup>11</sup> professor”, e o professor colocou a música. Em seguida, um aluno grita na sala “Professor está querendo incentivar as pessoas a gostar do mesmo sexo?” e o professor respondeu “foi a Joana que pediu essa música”, se isentando da responsabilidade em discutir o sentido da música com a questão da sexualidade.

Durante a entrevista, Josemar (Português, EEB Rosas Vermelhas) quando questionado sobre essa situação relata que “os alunos adoram comparar as coisas e achar relações para as coisas como intenção de algo. Eles percebem uma divisão entre homem e mulher e coisas para homens e para mulheres”. Para o professor a música não estava relacionada com a sexualidade e foi apenas uma brincadeira, mas foi a oportunidade para um aluno fazer essa referência. Segundo ele não seria necessário interromper a aula para debater sobre homossexualidade, pois não haveria nenhum estudante homossexual na turma.

Para Louro (2003) na escola ocorre o silenciamento dos sujeitos. Ou seja,

---

<sup>11</sup> A música Pais e Filhos é da banda Legião Urbana e trata de “[...] amar as pessoas como se não houvesse o amanhã”, como diz a letra. Além disso, relaciona pais e filhos através de questionamentos do que será o futuro.

[..] nada é mais exemplar disso do que o ocultamento ou a negação dos/as homossexuais – e da homossexualidade – pela escola. Ao não se falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda “eliminá-los/as”, ou pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e alunas “normais” os/as conheçam e possam desejá-los/as. (LOURO, 2003, p. 67-68).

O professor ao explicar que não tinha necessidade de falar sobre o tema naturaliza discursos na sociedade e silencia sujeitos. Os discursos sempre têm um significado e mesmo sendo brincadeira, como acredita o professor, podem negar e excluir sujeitos.

Michel Foucault (1999) mostrou como o exercício da sexualidade foi vigiado e regulamentado, principalmente no campo das Ciências Médicas no século XIX. A partir disso, os campos científicos começaram a classificar os comportamentos e os desejos de homens e mulheres.

No espaço escolar a questão da sexualidade parece não fazer parte. Porém, tanto na sala de aula, no recreio, na forma como são organizadas as mesas ocorre uma “[...] vigilância do recolhimento e do sono, tudo fala silenciosamente da maneira mais prolixa da sexualidade das crianças” (FOUCAULT, 1999, p. 140).

Diante disso, o tema da sexualidade por estar inserido na escola também deve ser discutido e é um tema transversal na questão de gênero. As normas, comportamentos e discursos que aparecem na escola podem revelar o silenciamento dos sujeitos trazendo somente uma vigilância dos corpos e não buscando o fim dos preconceitos, discriminações e violências.

Além de todas essas situações observadas em sala de aula, outros espaços também fazem referências para as questões de gênero. Durante o intervalo de aula na EEB Lírios Brancos observei alguns cartazes sobre a temática de gênero realizado pelo PIBID de História da Universidade Federal da Fronteira Sul com as segundas séries do Ensino Médio do período diurno. A atividade foi iniciativa da professora de História que acredita na importância de trabalhar essa temática.

A professora Adriana (História, EEB Lírios Brancos) explicou que esses cartazes faziam parte de uma oficina sobre gênero e sexualidade. Além disso,

A minha estagiária também trabalhou as questões de gênero pensando na construção histórica. Utilizou imagens para trabalhar essa questão com os estudantes, como a imagem da advocacia e o porquê é uma mulher que representa. Durante minhas aulas sempre faço uma ponte com as relações de gênero e os papéis de gênero que são construídos na sociedade. Pensando o projeto do Gapa os PIBIDIANOS (eu pedi) para trabalhar os tipos de violência, um estudo de caso e sobre a questão sobre a mulher, mostrar que ela nunca é culpada [pausa] cultura do estupro. Trouxeram dados para essa aula e que você pode utilizar com as turmas da noite. É um tema que eu sempre busco mais e formas de trabalhar em sala, percebendo comportamentos e usando eles de exemplo, como se algum aluno chamou o colega de gay, utilizo disso para iniciar uma discussão. (Adriana, História, EEB Lírios Brancos).

Na EEB Rosas Vermelhas também observei um cartaz pendurado logo na entrada da escola com a escrita: **“MULHERES falam tantas PALAVRAS... apenas permanecem aquelas que NOS ENSINAM A VIVER!”**. Em conversa com a Marilene (Secretária, EEB Rosas Vermelhas) sobre o cartaz, a mesma explicou que se tratava de uma homenagem da escola para as mulheres pelo Dia da mulher.

A respeito da frase utilizada ela justificou que as mulheres gostam de conversar, por isso, o uso “Mulheres falam tantas palavras” e assim, de tudo que falam sempre algo é importante e a diferenciação das cores ocorreu para haver destaques. Sendo destacado a palavra “mulheres” por ser o Dia das Mulheres, “palavras” por falaram muito e “nos ensinam a viver” porque a mulher é importante, explicou Marilene (Secretária, EEB Rosas Vermelhas).

Além disso, algumas situações ocorreram durante as observações que poderiam ter interferido neste trabalho. Na EEB Lírios Brancos durante a observação da aula da primeira série do Ensino Médio a professora de Português não compareceu e fui convidada por Manuela (Assistente de Direção, EEB Lírios Brancos) para relatar sobre o desenvolvimento dessa pesquisa.

Fiquei durante duas aulas nessa turma e questionei as/os estudantes se elas/es haviam estudado a temática de gênero e diversidade. Durante o debate surgiram questões como a cultura do estupro e a relação de gênero com sexualidade. Minha função nessa situação foi apenas mediar, até porque, não estava na escola para ministrar aula e, sim, para observar e coletar dados. As/os estudantes disseram que estudaram a temática apenas disciplina de História, quando pesquisaram sobre o papel da mulher na sociedade, o que confirma a hipótese que o tema é pouco debatido na escola.



Em outro momento em que divulguei a minha temática de pesquisa a pedido de outra professora despertei o interesse de um aluno que me procurou no intervalo. Esse aluno contou que ao ouvir que eu era pesquisadora da temática de diversidade ele se sentiu a vontade para conversar sobre uma questão que o incomodava.

Contou que era homossexual e que sua família não sabia. Disse também que não sofre nenhuma discriminação ou preconceito das/os seus/suas colegas. Mas também justifica que ele “não pede” ou “incentiva” nada. Além disso, afirmou que realizava trabalhos e se relacionava socialmente apenas com meninas para evitar situações desconfortáveis, pois temia os meninos heterossexuais.

O aluno afirma que se sente bem com sua “[...] escolha de se relacionar com meninos”. Mas o problema, como ele mesmo relata, são os seus pais. O aluno ainda não havia contado a eles sobre sua orientação sexual e disse que estava esperando pelo momento certo. Quando questionado sobre o momento certo, ele disse que seria quando estivesse financeiramente estável.

O desconforto que evita sentir ao não se relacionar com meninos tem a ver com o que Meyer (2005, p. 24-25) explica a respeito dos estudos contemporâneos sobre gênero. Segundo ela, tudo ao nosso redor está direcionado a uma “[...] sociedade, sempre operando a partir de uma identidade que é a norma, que é aceita e legitimada e que se torna, por isso mesmo, quase invisível – a masculinidade branca, heterossexual, de classe média e judaico-cristã”. E ainda mais,

[...] o próprio fato de existirem dias especiais – que as escolas se empenham em comemorar – como o dia internacional da mulher, ou do índio, ou do orgulho gay ou da Aids indica o caráter da diferença. Os ‘normais’ não precisam de dias especiais para serem lembrados. (Ibidem).

Segundo Meyer (2005, p. 27) é necessário um debate político nas escolas sobre as diferenças. E assim “[...] compreender que tanto a normalidade quanto a diferença são social e culturalmente produzidas como tais”.

Ao tornar as relações de gênero e da sexualidade um debate político mais amplo e contínuo nas escolas e em todos os espaços, como justifica Meyer (2005), é possibilitado à esse aluno fazer trabalhos com os meninos da sua turma, sem a necessidade de se “prevenir” do preconceito ou discriminação, e que ele possa dialogar com seus pais sem medo de ser considerado anormal por não estar de acordo com a regra imposta pela sociedade.

Como observado no momento que as relações de gênero apareceram na sala de aula, elas não foram trabalhadas e isso mostra o desconhecido e despreparo das/os professoras/es sobre o tema. Além disso, nas situações a questão do sexo sempre foi a justificativa, como nos esportes, nas características de meninas e meninos e na referência do que é de menina e de menino.

Outro fato importante são os temas transversais que aparecem com as relações de gênero, como a questão da sexualidade e que também não foi um tema trabalhado pelas/os professoras/es. Mas ao mesmo tempo, mostrou que se tem uma preocupação com o aprofundamento do tema, como no caso da oficina sobre gênero e sexualidade na EEB Lírios Brancos. Partindo dessas considerações busquei nos Projetos Político Pedagógico das escolas sobre como o tema aparecia e se possuíam projetos específicos e destinados às áreas do conhecimento.

## 2.2 A TEMÁTICA DE GÊNERO NOS PROJETOS POLÍTICO PEDAGÓGICO DAS ESCOLAS

Para atender ao objetivo da etnografia também foi necessário estudar os Projetos Político Pedagógico e realizar entrevistas específicas com a direção de cada escola estudada. Em ambas a entrevista foi realizada pelas Assistentes de Direção, pois são responsáveis pelas pesquisas e estágios em suas escolas.

Compreendendo o papel da escola, o PPP da EEB Rosas Vermelhas, tem sua proposta pedagógica construída a partir da perspectiva do Materialismo Histórico-Dialético, cujo “seu objetivo principal é fundamentar a ação pedagógica numa perspectiva histórica-social, na qual o papel da escola, do professor e do conhecimento estejam a serviço da cidadania crítica” (VERMELHAS, 2015, p. 07).

O documento considera que o conhecimento é algo coletivo e as/os professoras/es devem ser o intermediário entre a herança histórica e o conhecimento construído pela humanidade, e, com isso,

[...] proporcionar a construção de novos conhecimentos, novas possibilidades, colaborando na formação de um sujeito humano, crítico e com conhecimento científico, capaz de operar conscientemente mudanças na sociedade, aceitando e convivendo com as diversidades. (VERMELHAS, 2015, p. 07)

Em todo o PPP da EEB Rosas Vermelhas há apenas um tópico denominado “Diversidade e temas transversais” que abre a possibilidade de discutir e levar para a sala de aula o tema de diversidade, no entanto, sem constar as relações de gênero.

Para apoiar o desenvolvimento e avanço das práticas de ensino inclusivas voltadas para a diversidade, aos temas transversais e a diferença na sala de aula, a Proposta Curricular de Santa Catarina orienta a inclusão no currículo da educação Básica das seguintes temáticas: Educação para a diversidade sexual, educação e prevenção, educação ambiental formal, educação das relações étnico-raciais, educação especial, educação escolar indígena e educação escolar quilombola. (VERMELHAS, 2015, p. 15-16).

Na EEB Lírios Brancos o papel da escola também se ambienta de acordo com a perspectiva do Materialismo Histórico-Dialético. Assim,

Por este motivo o coletivo escolar busca por metodologias que atendam os Eixos Norteadores da Proposta Curricular de Santa Catarina e o comprometimento com o ser humano nas suas relações e vivências históricas, está criando condições para que os projetos, programas educacionais e saídas de campo, atendam e orientem as expectativas desses educandos para, cada vez mais, de forma organizada e crítica, criarem condições de compreensão do entorno e de realidade social onde estão inseridos. (BRANCOS, 2013, p. 06).

Ambas as escolas não apresentam no PPP projetos que trabalhem com a questão de gênero, mas na EEB Lírios Brancos o Projeto de Leitura se ocupa da temática e a professora Leticia (Português, EEB Lírios Brancos) construiu uma apresentação de slide com dados e questionamentos para trabalhar a questão do gênero, sexualidade e violência com as/os estudantes do Ensino Médio.

O roteiro do trabalho de Leticia (Português, EEB Lírios Brancos) foi baseado num artigo de reportagem elaborado por Pedro Ribeiro Nogueira. E a partir desses direcionamentos contidos na reportagem, a professora foi inserindo outros dados e questões para provocar nas/os estudantes o interesse sobre os temas.

Esse material é utilizado no período diurno pela professora na aula de Leitura. Conforme informações cedidas na entrevista como ela não está no período noturno, ela repassou esse material para a professora de Sociologia do noturno que debate a questão de gênero, assim um maior número de estudantes terá acesso a esse debate.

Em entrevista com a Manuela (Assistente de Direção, EEB Lírios Brancos) ela relatou que é importante discutir a temática de gênero na escola, pois não é um discurso criado, e sim está no cotidiano de todas/os.

Mesmo não tendo realizado nenhum curso, Manuela (Assistente de Direção, EEB Lírios Brancos) comentou que conheceu a temática na escola e através dos projetos que a escola realiza há alguns anos ela foi aprofundando seu conhecimento. Para ela, “[...] é na escola que o indivíduo passa seu maior tempo e onde se estabelecem as relações e se acentuam os comportamentos” (Manuela, Assistente de Direção, EEB Lírios Brancos). Sendo assim, é de suma importância discutir gênero na escola. É preciso estar a todo o momento “conversando com os estudantes e estabelecendo um convívio de respeito mútuo, reconhecendo as diferenças” afirmou a Assistente de Direção.

Quando questionada a respeito de projetos e ações que a escola realizou sobre a temática ela pontou: no ano de 2014 – a escola realizou uma parceria com a Universidade do Oeste de Santa Catarina, e esta realizou diversas atividades e oficinas na escola a respeito da temática que envolve diversidade; no ano de 2015 – a tarefa de trabalhar com o tema de diversidade ficou com as/os professoras da área das humanas; e no ano de 2016, está sendo trabalhado em cima do Concurso “Construindo Diversidade de Gênero” – dentro das atividades está a construção de um teatro e poesias para trazer o debate da questão da violência sexual e também de gênero com roteiro de duas professoras de Sociologia e duas turmas da segunda série do noturno. Além disso, a professora de História encaminhou atividades sobre a mulher e foi realizado uma oficina sobre gênero e sexualidade, entre outras atividades que ainda estão se concretizando, explicou Manuela (Assistente de Direção, EEB Lírios Brancos).

Manuela (Assistente de Direção, EEB Lírios Brancos) relata que já presenciou alguns casos e situações na escola que envolveu a questão de gênero e como forma de prevenir foi encaminhado as/os envolvidas/os para uma conversa para encontrar a melhor situação. Também em outros casos foi necessário trabalhar com toda a turma, sendo preciso a intervenção, e a realização de uma palestra para resolver o problema.

Como visto, apareceu na fala de Manuela a responsabilidade das/os professoras/es das áreas das Ciências Humanas para trabalhar com a temática e também foi encontrado como estratégia chamar alguém de fora para debater

situações que ocorreram na escola. Isso revela que a escola não se responsabiliza totalmente pelo o que acontece e tenta direcionar pessoas específicas para resolver situações do cotidiano.

Essa atitude mostra como a escola não está pensando o tema de gênero no coletivo. Pois é esse coletivo formado por todas/os professoras/es, Direção e demais funcionários que estarão no cotidiano lidando com situações que perpassam as relações de gênero.

Helena (Assistente de Direção, EEB Rosas Vermelhas) concordou que a temática está inserida em alguns documentos que regem e percorrem a educação, mas ela não encontrou um direcionamento de como trabalhar o tema. Para Helena (Assistente de Direção, EEB Rosas Vermelhas) “a educação [sic] se esforça tanto para que muito seja discutido na escola e não oferecem meios e caminhos para que isso de fato aconteça”.

Para a Assistente de Direção existe sim uma preocupação de como trabalhar o tema na escola, mas que isso bate de frente com as famílias. Ela diz: “sei da importância de desconstruir padrões que foram formados na sociedade e também sei que debater gênero na escola envolve debater sobre a formação de um indivíduo, e a função da escola é ensinar e não educar os alunos, é um perigo” (Assistente de Direção, EEB Rosas Vermelhas).

O tema na escola é trabalhado como uma temática na transversalidade. e no momento não existe um projeto tão específico na escola. Mas as/os professoras se utilizam da temática quando é pertinente, ou quando há a necessidade de debate, garante Helena (Assistente de Direção, EEB Rosas Vermelhas).

A professora Mariele (Anos Iniciais, EEB Rosas Vermelhas) que estava próxima do local, veio conversar no momento que eu estava realizando a entrevista com a Helena (Assistente de Direção, EEB Rosas Vermelhas), e exemplificou de modo mais claro como ocorrem as intervenções em sala de aula. Para ela “debater a questão de gênero não é educar um aluno, a escola é responsável por formar um indivíduo, na História, na Sociologia, na Biologia, em todas as disciplinas” (Anos Iniciais, EEB Rosas Vermelhas).

Para a professora que realizou uma oficina sobre Gênero e Sexualidade na Universidade Federal da Fronteira Sul durante sua graduação em Pedagogia, com o professor de Ciências Sociais Ari José Sartori, ela acredita que,

Discutir gênero não é um discurso ideológico, discutir gênero é permitir uma sociedade igualitária, respeito ao próximo e conduzir para uma desconstrução muito maior. É dizer para meninas e meninos que eles têm os mesmos direitos e podem ser quem eles quiserem. Que gênero é de fato formado pela cultura, cultura que diz que mulheres são inferiores, que são frágeis e que não podem trabalhar na área civil. Cultura que impõe uma masculinidade e diz que os homens devem trabalhar e não limpar a casa. É disso que estamos falando, é histórico, é de acordo com cada sociedade. Nada tem a ver com o discurso da ideologia de gênero que estamos destruindo as famílias. Estamos lutando para a construção de um mundo melhor. Coitada dos filhos e filhas desses que dizem que discutir gênero na escola é uma ideologia, pois esses poderão no futuro não ter a mesma oportunidade porque o debate foi engolido e enterrado por muitos. Acho que a escola precisa, deve e necessita discutir gênero, sim, sim [...] pausa [...]. não trabalhar a temática causará mais estrago que se fosse trabalhar. (Mariele, Anos Iniciais, EEB Rosas Vermelhas).

Após a fala da professora Mariele (Anos Iniciais, EEB Rosas Vermelhas), Helena (Assistente de Direção, EEB Rosas Vermelhas) concordou com seu discurso, mas lembrou de que para que se tenha um trabalho na escola é necessário o envolvimento de uma pessoa de fora. De acordo com a Assistente de Direção já foi pontuado trazer o debate para a escola, mas há uma preocupação da Direção como o tema será trabalhado para não causar problemas com a comunidade escolar.

A respeito dos problemas com a comunidade escolar, Helena (Assistente de Direção, EEB Rosas Vermelhas) respondeu que dependendo de quem for trabalhar com o tema na escola pode influenciar no comportamento das/os estudantes em relação a sua sexualidade. Esse debate já esteve na pauta das reuniões da Direção algumas vezes e sempre acabou sem uma providência por questões pessoais.

A partir dessas entrevistas encontrei mais argumentos para a importância de discutir gênero na escola. A primeira questão é que a escola não reconhece sua responsabilidade com o tema e nem sabe como o tema pode ser trabalhado, deixando que algumas/alguns professoras/es busquem alternativas para que o tema de gênero seja inserido no contexto escolar.

Segundo que há uma preocupação, como vemos acima, de como o tema será trabalhado e a relação de gênero com sexualidade. Essa visão está de acordo com os discursos da “Ideologia de gênero” que sustenta a ideia que trabalhar gênero nas escolas é ensinar que meninas devem se relacionar com meninas e/ou que homens podem se relacionar com homens. Porém, o cerne da questão está na desconstrução de algo que já vem historicamente percorrendo as relações entre

homens e mulheres, e por esse motivo, deve fazer parte da discussão do conteúdo nas escolas.

Pensando nisso, os próximos capítulos mostrarão o que as/os professoras/es entendem por gênero e quais são as suas dificuldades de trabalhar com o tema em cada Componente Curricular. Após, será apresentado algumas situações lembradas pelas/os professoras/es que ocorreram em sala de aula e uma discussão sobre o que é a “Ideologia de gênero”.

### 3 DO SENSO COMUM À CONSTRUÇÃO TEÓRICA DO CONCEITO DE GÊNERO

Nesse capítulo será apresentado inicialmente como as/os professores definem o que é gênero, no momento da entrevista essa pergunta apareceu de modo diferenciado para as/os professoras/es para não haver constrangimentos. Para aquelas/es que responderam que já haviam participado de algum curso ou formação a pergunta ocorreu em seguida; e para aquelas/es que não tinham formação a pergunta ocorreu no final da entrevista. A ideia era elas/es a vontade, sem dizer “isso está errado ou certo” ou mesmo durante a entrevista considerar que ela/e não precisavam saber de tudo. Se a pergunta sobre gênero fosse a primeira para aquelas/es que não tinham conhecimento, poderia afetar nas demais respostas e elas/es poderiam refletir no que iriam dizer posteriormente.

#### 3.1 O CONCEITO DE GÊNERO PARA AS/OS PROFESSORAS/ES DAS ESCOLAS OBSERVADAS

Esse questionamento resultou em dois grupos: o primeiro grupo formado por doze professoras/es relacionou gênero com orientação sexual; e o segundo grupo de cinco professoras/es definiram gênero como uma construção social, cultural e histórica das relações entre homens e mulheres, como será apresentado na revisão teórica sobre a construção do conceito de gênero.

O primeiro grupo tratou a categoria de gênero como orientação sexual. Em suas falas apareceram à questão da sexualidade, como podemos observar em algumas entrevistas.

Para a professora Marizete (Português, EEB Rosas Vermelhas) gênero está associado às diversidades. A questão de gênero foi apresentada a ela através de leituras particulares e de um curso oferecido pela GERED de Chapecó há cinco anos, durante uma tarde que discutiu um pouco sobre o tema da diversidade.

Ao questionada o que seriam as diversidades a professora respondeu que ela trabalha de acordo com o conteúdo trabalhado em sala de aula, por exemplo, quando explica sobre a Literatura no passado e a Literatura no futuro ela fala sobre homossexualidade. Assim como Marizete (Português, EEB Rosas Vermelhas),



Ricardo (Química, EEB Rosas Vermelhas) entende que gênero é trabalhar a questão da homossexualidade, o homem e a mulher, resumindo, a sexualidade.

O professor Henrique (Educação Física, EEB Rosas Vermelhas) não possui nenhum curso na área sobre gênero, mas disse que durante a graduação algumas/alguns professoras/es falaram sobre gênero. Entende então que “tem haver com quem a gente se relaciona, mulher com mulher, mulher com homem, homem com mulher e assim vai” (Henrique, Educação Física, EEB Rosas Vermelhas).

Emanuel (Matemática, EEB Lírios Brancos) também não possui nenhum curso que trabalhou a temática de gênero. Ao final de sua entrevista diz que “gênero é trabalhar com orientação sexual. O gay sempre existiu e agora falam de gênero para dizer respeitem todos. Se quer respeito precisa guardar a sexualidade para usar em casa [sic]” (Emanuel, Matemática, EEB Lírios Brancos).

Assim como Elias (Filosofia, EEB Lírios Brancos) que tem formação em História e Filosofia, aborda que gênero também está relacionado no campo da sexualidade. Para ele “gênero está relacionado com a sexualidade. Certo? Gostar de homem e ser homem, ou gostar de mulher e ser mulher. Ao contrário do normal. É isso!? [sic]” (Elias, Filosofia, EEB Lírios Brancos).

Leticia (Português, EEB Lírios Brancos) tem formação e trabalhou a questão de gênero na aula de leitura. Mas para ela: “gênero não é só masculino e feminino, mas existem as lésbicas, trans, homossexuais, heterossexuais, os quais também se encaixam na questão de gênero” (Letícia, Português, EEB Lírios Brancos).

Outra professora que também relaciona gênero com orientação sexual é Jucimara (Biologia, EEB Lírios Brancos). Para ela gênero é a sexualidade, ou seja, trabalhar sobre heterossexuais, homossexuais, transexuais e afins. E questiona, “então eu pergunto, a escola está preparada para trabalhar com as sexualidades? Não está. E os pais querem que a escola trabalhe? Acho que não” (Jucimara, Biologia, EEB Lírios Brancos).

Regis (Geografia, EEB Rosas Vermelhas) entende que “gênero está aí para ensinar meninos e meninas como eles devem e como podem se relacionar sexualmente. Dizer que podem ser meninos e meninas no mesmo corpo”. O professor disse que não possuía conhecimento na área e que a temática nem aparece em suas aulas.

Maria (Artes, EEB Lírios Brancos), na sua entrevista acredita não estar preparada para trabalhar a temática de gênero, assim como Eliana (Inglês, EEB

Lírios Brancos) e Eduarda (Inglês, EEB Rosas Vermelhas). Para as três professoras gênero tem relação com a dicotomia – masculino e feminino. Por não estarem preparadas para trabalhar com a temática de gênero em sala dizem que necessitam entender melhor o que é, e chegam a me questionar durante a entrevista pedindo o que seria gênero. O que também acredita Josemar (Português, EEB Rosas Vermelhas) que gênero é apenas o masculino e o feminino.

Segundo Ari José Sartori (2011, p. 29) ainda existe uma dificuldade de entender e diferenciar algumas categorias como gênero, sexo, identidade de gênero e até mesmo sexualidade. Isso ocorre porque “há uma associação muito grande entre a anatomia (que é biologicamente dada) e os papéis sociais de homens e mulheres (que são socialmente construídos)”.

Sartori (2011) parafraseia Stoller (1993) afirmando que o autor “[...] conclui com seus estudos, a partir da perspectiva psicológica, que gênero é uma categoria que se articulam em três instâncias [...]”. Sendo elas,

**a atribuição de gênero** (rotulação, classificação), que se dá no momento em que nasce o bebê, a partir da aparência externa dos genitais. Assim, o sexo é o estágio mais inicial do desenvolvimento da masculinidade e da feminilidade. É neste estágio que os atributos de gênero são designados e o bebê é rotulado como menino ou menina.

**a identidade de gênero**, que se estabelece mais ou menos na mesma idade em que a criança adquire a linguagem. Anterior às diferenças anatômicas entre os sexos, é, segundo o autor, praticamente impossível mudá-la. A partir desse momento, até mais ou menos três anos (idade em que acontece a passagem do complexo de Édipo e a aquisição da linguagem), estrutura-se o “núcleo da identidade de gênero” (“NIG”), ou seja, o sentimento de ser menino ou menina. Esse núcleo é praticamente inalterável, pois, mesmo que aja mudanças na identidade de gênero, esta não o atinge [...].

**o papel de gênero**, que se forma do conjunto de normas e prescrições que a sociedade e a cultura ditam sobre o comportamento masculino e feminino. Mesmo que as diferenças sexuais sejam a base sobre a qual se assenta uma determinada distribuição de papéis sociais, sua atribuição não se desprende “naturalmente” da biologia; antes, é um fato social. Assim, o papel de gênero refere-se às mais diferentes expectativas dos comportamentos sociais das pessoas que possuem determinando sexo [...]”. (Stoller (1993) *apud* SARTORI, 2011, p. 30-31, grifo do autor).

Segundo Sartori (2011), no momento que nos referimos a uma pessoa, utilizamos dois termos – mulher ou homem, essa classificação refere-se ao sexo do indivíduo. O indivíduo é na verdade formado por três níveis: sexo – biológico; identidade de gênero – psicológico e social; e identidade psicosssexual – orientação sexual.

Quando as/os professoras/es tratam gênero como sinônimo a sexualidade, ser mulher e gostar de mulher, como observado nas respostas, eles/as estão falando da identidade psicosssexual do indivíduo. A identidade psicosssexual é ser heterossexual, bissexual ou homossexual” (SARTORI, 2011).

O conceito de gênero,

Para as ciências sociais e humanas, o conceito de gênero se refere à **construção social do sexo anatômico**. Ele foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, no entanto, a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura. Assim, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos. Por exemplo, o fato de as mulheres, em razão da reprodução, serem tidas como mais próximas da natureza, tem sido apropriado por diferentes culturas como símbolo de sua fragilidade ou de sujeição à ordem natural, que as destinaria sempre à maternidade. (CARRARA ET AL., 2009, p. 39, grifos do autor).

E, a partir dessa definição de que gênero é uma construção social, histórica e cultural das relações entre homens e mulheres, como expressa Louro (2003), que o segundo grupo de professoras/es Para essas/esses professoras/es a questão de gênero não está associada a sexualidade, como veremos nas respostas a seguir.

Para Richard (História, EEB Rosas Vermelhas) que possui formação na temática, o conceito de gênero é além do masculino e feminino. Conforme o professor “entra a questão da igualdade, do respeito, de superar um modelo de sociedade hipócrita que não quer enxergar. E está tão visível né, a questão salarial, a questão até mesmo do trânsito” (Richard, História, EEB Rosas Vermelhas).

Segundo Adriana (História, EEB Lírios Brancos) mesmo não ter participado de nenhum curso específico sobre gênero, teve conhecimento durante sua graduação e por interesse na temática da mulher avançou suas leituras. Para ela pode-se resumir gênero como “a distinção entre homens e mulheres construída numa sociedade tradicional”.

Solange (Sociologia, EEB Lírios Brancos ) possui cursos na área, e é bastante específica na sua definição. Para ela, “gênero é uma construção social e cultural acerca das categorias do masculino e feminino. Refere-se à aspectos sociais, culturais e psicológicos das identidades sociais masculinas e femininas, é a elaboração cultural do sexo” (Solange, Sociologia, EEB Lírios Brancos).

O professor Pedro (Física; Matemática, EEB Rosas Vermelhas) mesmo não tendo uma formação específica, como afirmou, obteve conhecimento sobre gênero

na Universidade em outras áreas (Cursos). O entrevistado relatou: “eu lembro da professora lá falando que é uma construção, que a identidade de gênero não tem nada a ver com a sua orientação sexual, que por eu ter relações com homens e mulheres eu não sou indeciso” (Pedro, Física; Matemática, EEB Rosas Vermelhas). Além disso, complementa dizendo que gênero tem relação com o que é masculino e feminino.

E, por fim, João (Filosofia, EEB Rosas Vermelhas) realizou um curso na Universidade Federal da Fronteira Sul no ano de 2011. O professor disse que: “gênero não é só sexualidade. Num curso que fiz da Federal eu lembro que o professor disse que gênero é uma construção. E é isso, construção sobre mulheres e homens, sobre o masculino e feminino” (João, Filosofia, EEB Rosas Vermelhas). E complementa dizendo que gênero tem relação com a cultura e com a história, dessa forma, não trabalhar gênero na sala de aula que é um perigo, e não ao contrário como tem discursos por aí.

Nessas entrevistas apareceu o discurso da desigualdade entre homens e mulheres. De acordo com Marlene Tamanini (2011, p.15) que buscou as raízes históricas sobre a desigualdade entre homens e mulheres, a autora inicia “[...] pela importância da função materna na mitologia e na organização dos povos que viveram na Europa entre 300.000 e 21.000 a.C”. Essa análise mostrou sobre as escolhas e a construção sobre o que é ser mulher e homem (TAMANINI, 2011).

A mulher aparecia em forma de estatuetas de modo a ser relacionada diretamente com a maternidade. Porém, para Tamanini (2011) isso não é uma afirmação, a mulher não seria o sinônimo da maternidade, mas as imagens mostraram que o ser mulher era algo construído culturalmente, como expressado por essas civilizações, nesse caso, através de estatuetas num primeiro momento.

A autora também exemplifica a construção do ser mulher ou homem com o uso de “a professora” mesmo tendo “professores” na Educação Infantil, e também sobre o/a profissional da enfermagem que está sempre no feminino. Logo, a autora se perguntava “[...] mas será que isso ocorre porque há um grande número de mulheres nessa profissão ou porque há uma função de gênero feminino vinculada à ideia de que cuidar e educar as crianças cabe às mulheres?” (TAMANINI, 2011, p. 15).

Vamos perceber como as culturas também foram modificando o seu entendimento sobre o que era ser homem e o que era ser mulher e, por causa disso, como as relações sociais de dominação foram se estabelecendo, em geral, com a predominância dos homens sobre as mulheres. (TAMANINI, 2006, p. 16).

Como podemos ver as/os professoras/es confundem o que é gênero com o que é sexualidade. Para algumas/alguns quando é trabalhada a questão da homossexualidade diretamente, essa/e está trabalhando a questão gênero. Isso mostra como a discussão de gênero é importante para ser debatida em sala de aula. Trabalhar a questão de gênero não é pensar no aspecto biológico como centro das discussões, mas partir do social. Mostrando assim, as diferenças entre o feminino e o masculino e as desigualdades que estão entre eles.

### 3.2 A CONSTRUÇÃO TEÓRICA DO CONCEITO DE GÊNERO

A pesquisadora brasileira Miriam Pillar Grossi (2010, p. 05) define gênero como tudo que é construído socialmente, culturalmente e historicamente sobre as relações entre homens e mulheres. Grossi (2010) identificou a partir de suas pesquisas os três momentos da construção histórica do conceito de “gênero” no Brasil. O primeiro momento é os “Estudos sobre a Condição Feminina” que surgiu nos anos de 1970/1980 e compreendia que os problemas das mulheres deveriam ser pensados somente pelas mulheres.

O segundo momento é “Os estudos sobre as mulheres”. Após perceber, a partir dos anos de 1980, que não existe apenas uma condição feminina, e sim várias diferenças entre as mulheres, começa os estudos sobre as mulheres (GROSSI, 2010).

Já o terceiro momento é “Os estudos de gênero”. Assim, “o conceito de gênero chegou até nós através das pesquisadoras norte-americanas que passaram a usar a categoria '*gender*' para falar das 'origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres” (GROSSI, 2010, p. 04). Como exemplo, tivemos o artigo publicado no Brasil em 1987 de Joan Scott, intitulado de “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”.

A principal referência nos estudos de gênero é a historiadora americana Joan Wallach Scott (1990) que escreveu o artigo “Gênero: uma categoria útil de análise”. A autora utilizou o conceito “*gender*” para trabalhar com as identidades masculinas e

femininas. No artigo ela apresenta os três usos descritivos do gênero, sendo: a) gênero como sinônimo de mulheres; b) sinônimo da relação entre homens e mulheres; e c) categoria social sobre um corpo sexuado.

Gênero faz pensar como se produzem, modificam e utilizam os significados dos corpos sexuados (SCOTT, 1990). Ele é um aparato de poder, pois através da normatização do feminino e masculino constroem-se as verdades sobre as mulheres e homens.

Por “gênero”, eu me refiro ao discurso sobre a diferença dos sexos. Ele não remete apenas a ideias, mas também a instituições, a estruturas, a práticas cotidianas e a rituais, ou seja, a tudo aquilo que constitui as relações sociais. O discurso é um instrumento de organização do mundo, mesmo se ele não é anterior à organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primária, mas ele constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é a causa originária a partir da qual a organização social poderia ter derivado; ela é mais uma estrutura social movediça que deve ser ela mesma analisada em seus diferentes contextos históricos. (SCOTT, 1990, p. 15)

A antropóloga norte-americana Margareth Mead (1988) estudou três sociedades da Nova Guiné nos anos 30 – os Arapesh, Mundugumor e Tchambuli e também foi um marco na origem do conceito de gênero. Sua pesquisa objetivava compreender se as diferenças entre homens e mulheres seriam de fato determinadas a partir de características biológicas.

Após analisar essas três tribos aborígenes, a pesquisadora percebeu que os papéis de gênero, ou seja, o que numa sociedade poderia ser considerado papel do homem, na outra era papel das mulheres, assim compreendeu que os papéis de gênero se modificam conforme a sociedade. Além disso, identificou que essas diferenças entre homens e mulheres não eram biologicamente, mas sim culturalmente e socialmente construídas (MEAD, 1988).

Para Robert Stoller (1993), que foi psiquiatra e psicanalista americano, a masculinidade e a feminilidade são construções adquiridas na infância. Tanto a identidade de gênero como o comportamento não serão determinados pelo sexo biológico, mas pelas experiências e vivências na sociedade.

O autor realizou pesquisas com hermafroditas e observou que as características de gênero não são determinadas por questões biológicas. Verificou que elas são resultado das relações e experiências vividas no contexto social, cultural e histórico dos gêneros.

Guacira Lopes Louro (2003, p. 22) disse que, assim como qualquer palavra tem uma história, o conceito de gênero está constituído com o movimento feminista contemporâneo. Gênero é colocado no debate do campo social, “[...] pois é nele que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos”. As desigualdades entre homens e mulheres não devem ser buscadas nas diferenças biológicas, e sim no social, aponta a autora.

Na medida em que o conceito afirma o caráter social do feminino e do masculino, obriga aquelas/es que o empregam a levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos de que estão tratando. Afasta-se (ou se tem a intenção de afastar) proposições essencialistas sobre os gêneros; a ótica está dirigida para um processo, para uma construção, e não para algo que exista *a priori*. O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem. (LOURO, 2003, p. 23).

Louro (2003, p. 57), além de contextualizar o conceito de gênero dirá que “diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso”. Todo o contexto da escola e seu espaço mostrará o que é de menino e o que é de menina, e posteriormente, apresentarão modelos para que todos se reconheçam ou não.

Diante desses autores e autoras pode-se agora entender como as/os docentes determinam o que é gênero, um dos objetivos específicos da pesquisa. Partindo da perspectiva de Scott (1990), Mead (1988), Stoller (1995), Grossi (2010) e Louro (2003), gênero é um conceito cultural, social e historicamente determinado quando dizemos que o indivíduo convive através de relações sociais, se constituindo em homens e mulheres. Essas relações, já dizia Joan Scott (1990), são pautadas em relações de poder na definição do que é masculino e feminino.

## 4 GÊNERO E SEU DEBATE EM SALA DE AULA

Neste capítulo iniciarei trazendo as opiniões das/os professoras/es sobre inserir a temática de gênero na escola. Após apresento alguns desafios enfrentados pelas/os professoras/es na sala de aula que envolveram as relações de gênero e a questão da “ideologia de gênero”.

### 4.1 A IMPORTÂNCIA DO DEBATE DE GÊNERO EM SALA DE AULA

Segundo Motta (2011, p. 53) gênero está no campo da educação, pois é uma construção social e a sociedade ensinará o que é masculino e feminino. Alias, “esse aprendizado se dá através de um processo de socialização – ‘aprendemos’ nossa feminilidade e masculinidade desde que nascemos”. E além da socialização em casa e com as pessoas próximas, é também na escola que a criança se relaciona e socializa.

Na escola também são produzidas, reproduzidas e cristalizadas as diferenças e a diversidade não é vista como algo positivo. Na escola as diferenças são ignoradas, pois ocorre um processo chamado de homogeneizador. Esse processo “[...] não vê as especificidades de cada sujeito ou grupo social” (MOTTA, 2011, p. 53). E por isso, as diferenças acabam se transformando em estigmas e a diferença é vista como algo negativo, surgindo a discriminação.

De acordo com as/os professoras/es em relação se a temática de gênero deve ou não ser trabalhada em sala de aula ocorreu uma divisão de treze professoras/es que concordam que gênero deve ser trabalho na escola e quatro discordam com isso.

Marizete (Português, EEB Rosas Vermelhas) acredita ser importante trabalhar com a temática, pois é necessário deixar claro qual o significado do conceito gênero. Para a professora de Português também é necessário trabalhar com as famílias, e isso é um dever da escola. A escola precisa estar preocupada que as relações de gênero atingem também o setor familiar e precisam trazer pais e mães para o debate.

Ricardo (Química, EEB Rosas Vermelhas) também concorda com a necessidade de discutir gênero em sala de aula. De acordo com o professor “devemos desconstruir muitas coisas. Tipo, se nós pegar o caso de um casal



homossexual na escola. Eles são normais. Os alunos carregam muitos preconceitos sobre isso”.

Já a professora Eliana (Inglês, EEB Lírios Brancos) não se sente preparada para trabalhar a temática, mas garante que todas/os professoras/es sabem que devem trabalhar gênero em sala de aula. Assim como afirmou Richard (História, EEB Rosas Vermelha) que “[...] a questão de gênero é fundamental para se construir uma sociedade melhor, discutir essa questão é ter no futuro uma sociedade mais justa”.

A professora Adriana (História, EEB Lírios Brancos) espera que a escola sendo um espaço micro é assim, lugar onde convivem todas as diferenças, e “as questões de gênero permeiam o ambiente escolar”, por isso devem ser trabalhadas em sala de aula. Em consonância disso está à professora Solange (Sociologia, EEB Lírios Brancos), para ela,

Com certeza gênero deve ser trabalhado em sala de aula, pois é na escola que se firmam os laços afetivos e sociais. A escola é bem mais que um meio onde se reproduzem os conhecimentos, é também um meio de inúmeras diferenças sociais e trabalhar gênero com os adolescentes é firmar o respeito a essas diferenças. (Solange, Sociologia, EEB Lírios Brancos).

O professor Pedro (Física; Matemática, EEB Rosas Vermelhas) explicou que gostaria de trabalhar com a temática em sala de aula, mas que não sobra tempo e que gênero não tem nada a ver com Física e Matemática. Mas,

[...] é um tema que particularmente me chama atenção, não sei se você entende. Mas a escola é um espaço de socialização. Lá na Uno tinha uma professora que falava muito em gênero, eu vi ela fazer várias coisas e conversei muito com ela. A escola tem o dever de trabalhar gênero e as questões de diversidades, isso significa justificar a existências de relações e não pensar como a professora sempre dizia na existência de uma sociedade que respeita, não, não é assim, sofremos preconceito diariamente, ainda mais na escola onde todos se encontram, as diversidades. (Pedro, Física; Matemática, EEB Rosas Vermelhas).

Elias (Filosofia, EEB Lírios Brancos) também compreende que é um tema relevante, mas que assim como Henrique (Educação Física, EEB Rosas Vermelhas) a escola precisa se preparar para abordar o tema em sala de aula. As/os professoras/es necessitam estar qualificados para isso. O mesmo disse a professora de Inglês que “[...] trabalhar é importante. É um direito. Mas como, não sei. Eu

gostaria de discutir diversidade, gênero, desigualdade entre homens e mulheres, a nossa sociedade que é muito preconceituosa” (Eduarda, Inglês, EEB Rosas Vermelhas).

A professora Leticia (Português, EEB Lírios Brancos) e professor João (Filosofia, EEB Rosas Vermelhas) dizem que é preciso respeitar o outro e para respeitar o outro é necessário conhecer. É o que também afirmou a professora Maria (Artes, EEB Lírios Brancos) concordando com a importância de trabalhar com o tema, pois a escola é o espaço que mostra as diferenças. Para ela “[...] é função, dever de todo professor ensinar e desconstruir preconceitos, ainda mais na questão de gênero”.

Aparentemente a maioria (treze professoras/es) concordam que trabalhar gênero na escola é importante. Mas como visto nas falas existe a falta de preparo e conhecimento para inserir o tema nas disciplinas.

De acordo com Louro (2003) na escola são reproduzidas muitas desigualdades sociais. É preciso entender que,

Portanto, se admitimos que a escola não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas os reproduz, mas que ela também *fábrica* sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero, de classe; se reconhecemos que essas identidades estão sendo produzidas através das relações de desigualdade; se admitimos que a escola está intrinsecamente comprometida com uma manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com nossa participação ou omissão; se acreditarmos que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e pode ser subvertida; e, por fim, se não nos sentimos conformes com essas divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas, especialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades. (LOURO, 2003, p. 85).

A escola como uma instituição social é construída com base nas relações de gênero e por isso motivo o debate precisa estar presente em todas as disciplinas. Os sujeitos da escola (estudantes, professoras/es, diretoras/es, funcionárias/es) constroem e reproduzem, ao mesmo tempo que aprendem e são ensinados a partir das construções de gênero (CARRARA ET AL, 2009).

A prática pedagógica no cotidiano escolar pode estar permeada de discursos e atitudes com significados preconceituosos de gênero. Não basta apenas a/o professora/professor dizer que é importante trabalhar com a temática, se na aula um aluno chama outro de “mulherzinha” e não é feito nada.

Diante disso, concordando com Louro (2003) a esses argumentos, gênero deve ser discutido em sala de aula para desconstruir e refletir sobre as desigualdades. A escola como formadora de um sujeito crítico tem esse dever e comprometimento.

Porém, quatro professoras/es não concordam com isso. Como é o caso do professor Emanuel (Matemática, EEB Lírios Brancos) e Josemar (Português, EEB Lírios Brancos). Para eles as/os professoras/es não podem dizer nada a respeito dos comportamentos e sobre a sexualidade. A única disciplina seria a biologia, “então gênero pode ser trabalhado, mas na Biologia, não precisa mais que isso” (Emanuel, Matemática, EEB Lírios Brancos). Josemar (Português, EEB Lírios Brancos) explicou que não é responsabilidade dele e que deveria ser trabalhada a questão da sexualidade na Biologia.

Jucimara (Biologia, EEB Lírios Brancos) garantiu que não é responsabilidade da escola discutir gênero, que a escola deve se preocupar com as disciplinas e não com temas transversais. Discutir gênero na escola seria uma doutrinação e uma imposição de uma sexualidade, disse a professora. Mesmo discurso usado pelo professor Regis (Geografia, EEB Rosas Vermelhas) que acredita ser uma doutrinação da sexualidade e que ele não precisa se envolver nisso.

Para as/os professoras/es que acreditam que gênero não deve ser trabalhado em sala de aula, não se dão conta que “[...] podem reforçar ou atenuar as diferenças de gênero e suas marcas, contribuindo para estimular traços, gostos e aptidões não restritos aos atributos de um ou outro gênero” (CARRARA ET AL, 2009, p. 48). As/os professoras/es devem estimular a força para as meninas e a sensibilidade nos meninos, por exemplo.

Somente assim, com esse aprendizado “[...] das regras culturais nos constrói como pessoas, como homens ou mulheres. Se quisermos contribuir para um mundo justo em que haja **equidade de gênero**, devemos estar atentos para não educarmos meninos e meninas de maneiras radicalmente distintas” (CARRARA ET AL, 2009, p. 48, grifos do autor). Assim, homens e mulheres terão igualdade de direitos.

#### 4.2 OS COMPONENTES CURRICULARES E AS RELAÇÕES DE GÊNERO

Para aquelas/es professoras/es que responderam que trabalham com a questão de gênero em sala de aula, foi questionado de que forma elas/es trabalham.

O objetivo era compreender se estas/es professoras/es tem dificuldades em trabalhar o tema e como elas/es unem a disciplina específica e as questões de gênero.

A professora Marizete (Português, EEB Rosas Vermelhas) comentou que no ambiente escolar as/os professoras/es devem respeitar as diferenças das/os estudantes com relação ao comportamento, as opiniões e saberes. As situações que ocorrem no cotidiano devem ser dialogadas com as/os envolvidas/os acrescentou a professora.

Exemplificando, em uma aula de Português a professora trabalhou com a poesia “Balada do amor através das idades”<sup>12</sup> de Carlos Drummond de Andrade. A professora utilizou a poesia como ferramenta pedagógica para abordar o tema de homossexualidade. Foi um momento para refletir sobre a origem da homossexualidade e também para entender que está no cotidiano de todas/os.

A professora utilizou em suas aulas o exemplo de um casal homoafetivo com filho que frequenta a igreja para trabalhar com questões que envolvem o respeito, a adoção e a homossexualidade. Ela explicou para as/os estudantes que a adoção é uma atitude de amor, e o que importa é a relação que essa criança terá com a família, no caso, com dois homens ou duas mulheres. O cuidar, o afeto, o carinho e o amor são mais importantes, pois alguém abandonou essa criança e se alguém está adotando é um ato nobre, explica a professora.

A professora Eliana (Inglês, EEB Lírios Brancos), na sua entrevista, explicou que tentou trabalhar a questão de gênero através das músicas e durante as interpretações de textos quando aparece a relação entre homens e mulheres. Entretanto, durante várias vezes na sua entrevista ela ressalta que não está preparada para trabalhar a temática e o que consegue em sala de aula com essas ferramentas pedagógicas é pouco em relação a outros temas debatidos, como cultura.

Ao ser questionada sobre as relações entre homens e mulheres nas diferentes culturas e a questão de gênero, a professora respondeu: “é, agora que você perguntou pode até ser que sim, mas eu não sei como trabalhar, me sinto muito insegura e despreparada” (Eliana, Inglês, EEB Lírios Brancos).

---

<sup>12</sup> Apresenta um amor que percorre “tempos” – idades e que continua vivo.

O professor Richard (História, EEB Rosas Vermelhas) assegura ser importante trabalhar as questões de gênero no seu Componente Curricular. De acordo com ele,

Eu procuro trabalhar a questão de gênero dentro da transversalidade. Da forma como vou discutindo os conteúdos vou fazendo a ponte de acordo com a realidade. Dentro dessa reflexão, dentro dessa ponte que queremos construir vai fazendo essas ponderações e também procurando identificar os personagens da realidade, da história. E dentro desses personagens mulheres estão presentes. E muitas vezes a mulher é deixada de lado. Agora, por exemplo, na formação do novo ministério, aquilo é uma questão muito degradante. Posturas tão arcaicas ainda, então, não dá para deixar passar em branco questões tão essenciais. Hoje quando a gente fala em igualdade, no respeito a diversidade com certeza essa questão de gênero é essencial e tem que ser discutida. Se não for, vamos continuar reproduzindo o velho sistema que é machista.

Então, depende da temática e a gente acaba estudando. Tem questões que é mais fácil inserir e outras mais difíceis. Mas, por exemplo, dentro da Filosofia eu trabalho a formação da subjetividade, também trabalho dentro da questão das essências. Tem o mundo das aparências e das essências. Então o essencial diz que o essencial é invisível aos olhos. Quando trabalho as essências trabalho o masculino e feminino. Outra questão é o respeito as diversidades nas diferentes culturas. Conhecer primeiro e depois respeitar. Mais ou menos por aí né. (Richard, História, EEB Rosas Vermelhas).

Adriana (História, EEB Lírios Brancos) também se preocupava em abordar a temática em suas aulas através de discussões que partiram do senso comum das/os estudantes e aos poucos ia acrescentando teorias através de debates, pesquisas e seminários. Uma das abordagens que ela realizou sobre a temática foi a construção histórica dos papéis de gênero, a imagem da mulher através da arte e as principais historiadoras.

No Componente Curricular de Sociologia o tema também foi trabalhado. De acordo com Solange,

Existem inúmeras diferenças de comportamento em relação às questões de gênero no ambiente escolar, saber contornar essas situações é dever do professor, sempre visando o respeito e a valorização dessas diferenças provenientes do ambiente escolar. Uma das maneiras de resolução desses impasses é através do diálogo, colocando o estudante a visão de que não se pode desrespeitar outros indivíduos sejam qual for o motivo. Utilizar o diálogo e os argumentos nesse caso é essencial. (Solange, Sociologia, EEB Lírios Brancos).

A professora de Sociologia trabalhou as relações de gênero de forma mais intensa com a segunda série do ensino médio. Ela considera importante trabalhar “[...] as relações de gênero na sociedade capitalista. Desconstrução dos papéis de

gênero impostos social e culturalmente; discussão sobre a mulher na sociedade; discussão sobre a homofobia, entre outros” (Solange, Sociologia, EEB Lírios Brancos).

Para efetivar o seu trabalho além das discussões em sala de aula a professora realizou produções de cartazes, teatros, poesias e paródias, “[...] sempre desconstruindo a ideia de inferioridade das mulheres, homossexuais, construindo uma visão igualitária de homens e mulheres, homossexuais e heterossexuais (Solange, Sociologia, EEB Lírios Brancos).

Leticia (Português, EEB Lírios Brancos) trabalhou as questões relacionadas a gênero nas aulas de leitura com o uso de material pedagógico<sup>13</sup> de sua autoria. A professora trouxe dados e questionamentos, e ao final das interrogações coordenou pesquisas dirigidas.

Nas aulas de Filosofia o professor comenta que deve “se conhecer para respeitar” (João, Filosofia, EEB Rosas Vermelhas). Os conteúdos trabalhados nessa disciplina foram: “[...] a ética, sobre quem sou eu, sobre minhas ações e a questão de gênero se envolve nisso. Se o estudante não sabe sobre as relações de gênero fica difícil contornar situações preconceituosa [...] já busquei filósofas para trazer como teoria, mostrar a presença da mulher também. Trabalhei diversidade, debates mais filosóficos sobre as relações de poder [...]” (João, Filosofia, EEB Rosas Vermelhas).

Em outros Componentes Curriculares verifiquei a falta de formação e a dificuldade para inserir e mediar um debate sobre gênero em sala de aula. As/os professoras/es justificaram possuir dificuldade em trabalhar o tema dentro dos conteúdos programáticos.

Na disciplina de Artes, a professora considerou existir uma preocupação constante com a temática de gênero, porém não se sentia preparada para o desafio. Como a mesma disse: “quando trabalho as épocas na Arte eu questiono os estudantes sobre obras e imagens, o porquê de uma determinada escultura ser mulher e não homem. Eu tento problematizar, mas não estou totalmente preparada” (Maria, Artes, EEB Lírios Brancos).

Henrique (Educação Física, EEB Rosas Vermelhas), quando questionado sobre como trabalhava as questões de gênero no seu Componente Curricular,

---

<sup>13</sup> Apresentação de slides com sínteses, dados e questionamentos sobre a questão de gênero, sexualidade e violências que disponibilizava para as/os demais colegas.

associava sempre gênero com homossexualidade. Também afirmou não estar preparado para trabalhar com a homossexualidade na escola, explanou: “se um aluno chama outro de gay, eu vou lá e converso. Mas essa conversa eu não sei bem o que dizer e daí acabo no comum e digo “vamos respeitar” todos. Não sei se estou certo, mas a escola não ajuda também” (Henrique, Educação Física, EEB Rosas Vermelhas).

De acordo com o professor deveria haver um profissional específico para trabalhar gênero na escola e/ou as professoras/es das disciplinas da área de Ciências Humanas<sup>14</sup> deveriam se responsabilizar. Quando questionado quem seria esse profissional citado, o professor disse que poderia ser um psicólogo ou pedagogo.

Deboráh Thomé Sayão (2004) explica que a escola se exime da responsabilidade de trabalhar com as temáticas de gênero e sexualidade e acabam passando-a para alguém de fora. Porém, ao convidar a/o especialista que não tem relação com a escola para realizar esse diálogo, ela/e estará discursando a partir do seu ponto de vista. Os temas em questão devem ser pensados pelo corpo docente da escola porque é uma questão de justiça social, pondera Sayão (2004).

Segundo o professor Pedro,

O conhecimento é o elo para tudo. Assim como na Matemática precisamos de fórmulas ou na Física, acho que a escola também precisa formular algo para trabalhar com os comportamentos. Eu sei que muitos vão dizer que a escola deve ensinar e não educar e o professor não deve se envolver na vida pessoal do aluno, mas não é assim, sabe. Eu comecei há pouco tempo, mas o meu comportamento interage com outros comportamentos e todos são diferentes. O primeiro passo é o conhecimento, a teoria mesmo. Têm muitas pessoas capazes de nos orientar para isso, eu tive um contato na Universidade, mas foi porque eu busquei isso, porque eu estava precisando me identificar. (Pedro, Física; Matemática, EEB Rosas Vermelhas).

Nesse sentido, Pedro (Física; Matemática, EEB Rosas Vermelhas) disse buscar trazer algumas questões nas suas aulas, mas que gostaria de conseguir aprofundar mais. Além disso, desconhece a existência de projetos na escola que envolvam as outras áreas do conhecimento como as das Ciências Humanas que tem assumido esse papel na escola, dificultando assim uma abordagem mais qualificada.

---

<sup>14</sup> Disciplinas de História, Geografia, Sociologia e Filosofia.

O professor explicou que já trabalhou sobre a relação entre meninos e meninas na sala de aula e solicitou para que as/os estudantes realizassem uma pesquisa sobre as profissionais da área. No momento que promovia trabalhos em grupo, lembrou as/os estudantes de que: “[...] aqui ninguém é melhor que ninguém, não importa se é menina ou menino, vamos misturar” (Pedro, Física; Matemática, EEB Rosas Vermelhas).

Em contrapartida, o professor Ricardo (Química, EEB Rosas Vermelhas) apesar de afirmar que devemos respeitar as diferenças, não consegue encaixar o seu conteúdo nas suas aulas. As demais professoras e professores como Josemar (Português, EEB Rosas Vermelhas), Emanuel (Matemática, EEB), Jucimara (Biologia, EEB Lírios Brancos), Elias (Filosofia, EEB), Regis (Geografia, EEB) e Eduarda (Inglês, EEB) responderam que não trabalham com a temática nos seus Componentes Curriculares.

Porém, a escola é uma instituição social que é baseada em relações sociais, e pode influenciar nos comportamentos e valores que são direcionados para a formação de sujeitos masculinos e femininos. Logo, se o gênero é uma construção social e está no cotidiano da escola,

[...] então parte-se do pressuposto de que essas convenções sociais podem ser transformadas, ou seja, discutidas, criticadas, questionadas, modificadas em busca da equidade social entre homens e mulheres, do ponto de vista do acesso a direitos sociais, políticos e civis. Educadores e educadoras têm a possibilidade de reforçar preconceitos e estereótipos de gênero, caso tenham uma atuação pouco reflexiva sobre as classificações morais existentes entre atributos masculinos e femininos e se não estiverem atentos aos estereótipos e aos preconceitos de gênero presentes no ambiente escolar. (CARRARA ET AL, 2009, p. 51).

As/os professoras/es que trabalham as questões de gênero na escola podem estar ajudando muitas/os estudantes que sofrem preconceitos, discriminações e violências neste espaço. Compreendendo que, “[...] modelos de comportamento sexual e social podem se tornar verdadeiras prisões ou fontes de agudo sofrimento quando os rapazes e as moças não se encaixam nos estereótipos de gênero previamente designados” (CARRARA ET AL, 2009, p. 52).

Não estar de acordo com o que é exigido para sujeitos femininos e masculinos pode transformar-se em discriminações. Pois, “[...] há modelos de gênero rigidamente estabelecidos que inspiram representações e práticas sociais para jovens de cada sexo” (Ibidem).



Além disso, outro motivo que justifica o fato dessas/es professoras/es não trabalharem o tema em suas aulas é o despreparo. Muitas professoras e professores não sabem como abordar o tema em sala de aula de acordo com a sua disciplina.

#### **4.2.1 Desafios que as/os professoras/es encontram para trabalhar as questões de gênero em sala de aula**

Neste subcapítulo será abordado algumas situações que ocorreram em sala de aula que envolveram a questão de gênero. Essa questão foi direcionada na entrevista para aquelas/es professoras/es que afirmaram trabalhar com a temática.

A professora Marizete (Português, EEB Rosas Vermelhas) comentou que em algumas aulas trabalhou o tema de homossexualidade. Aproveitei nesse momento e perguntei a respeito do filme “Confiar” que foi utilizado como ferramenta pedagógica para abordar narrativas.

O filme tem como tema central o estupro, a pedofilia e a internet. O enredo envolve a história de uma menina de 14 anos que acessou uma sala de bate papo e conheceu um homem que a manipulou até conceber o ato de estupro. Durante o filme as/os estudantes fizeram alguns comentários: as meninas disseram que a “mulher é burra, mulher acredita fácil nos homens, só porque ela é menina aconteceu o estupro, ela foi estuprada e nem percebeu, ela deixou ser estuprada”; e os meninos “já pensou você lá de quatro com o homem” e o outro respondeu “sai, azar”.

Para a professora esses comentários e ações são provenientes da carência humana.

Vivemos em uma sociedade em que o ser humano é carente de carinho, de um abraço, de palavra. Sim, o filme trabalha a questão da mulher, mas queria trabalhar com a narrativa e o foco da discussão foi a carência do ser humano e as consequências disso em seus atos e até nas reações dos alunos. (Marizete, Português, EEB Rosas Vermelhas).

Ou seja, para as meninas ocorreu um estupro e já os meninos estavam preocupados com o risco de uma relação homossexual. Sobre o diálogo dos meninos, em que um disse a outro menino “imagina você lá de quatro” – cena da menina principal no motel, a professora disse que também não percebeu. Essas

falas são discursos naturalizados na sociedade, tanto que passaram despercebidas para a professora.

Não percebi isso. Mas realmente percebemos um certo preconceito em relação a convivência de homem com homem e piadinhas sobre isso. Quando percebo eu trabalho isso, paro a aula e explico, faço os alunos refletir sobre as piadas. Há discriminação com o homossexual. Esses dias eu vi na missa dois homens juntos e com um bebê no colo e eu achei lindo. São homens, são educados, eu faço esse questionamento para que os outros respeitem. É lindo ver isso, eles serem tratados como qualquer casal com filhos, por exemplo. Eu acredito que isso ainda seja possível, ser aceito. (Marizete, Português, EEB Rosas Vermelhas).

A professora Eliana (Inglês, EEB Lírios Brancos) demonstra impotência para lidar com situações que envolvam constrangimentos derivados de apelidos pejorativos. Além disso, também afirmou não saber lidar quando estudantes a procuram pedindo orientação e conselhos acerca da sexualidade.

Henrique (Educação Física, EEB Rosas Vermelhas) se lembra de uma situação que enfrentou,

Teve um caso uma vez que eu me lembro. Tinha um menino que eu achava que era meio afeminado, sabe. E ele começou a dar em cima de outro menino que não curtia essas coisas. Numa aula ele queria jogar vôlei com as meninas, mas eu disse para ele se enturmar com os meninos e jogar futebol. Ele só quer andar com as meninas. Nesse dia o outro deu um empurrão nele e disse vai jogar vôlei seu “viadinho”. Eu fui lá, chamei os dois no canto e conversei, eu disse que se isso voltasse a acontecer eu iria levar para a direção, que eles deveriam se respeitar e que eu tinha pedido para o fulano ir jogar futebol e largar um pouco das meninas. Eu acho que resolveu, mas o fulano não queria se misturar com os meninos, sei lá, medo. Eu pedi o que estava acontecendo e ele não dizia, fiz minha parte. (Henrique, Educação Física, EEB Rosas Vermelhas).

A professora Eduarda (Inglês, EEB Rosas Vermelhas) foi questionada por uma aluna durante uma atividade em sala de aula. Essa aluna teria problematizado sobre a questão do machismo presente na tradução de uma música utilizada pela professora.

Naquele dia me senti uma péssima professora por não ter percebido isso, e pôr a minha aluna ter um conhecimento que eu não tinha, ela falou sobre o movimento feminista, a desigualdade. A questão de gênero que é construída, que os comportamentos de homens e mulheres são culturais. Por um lado, foi um tapa na minha cara para ver se eu estudo mais. (Eduarda, Inglês, EEB Rosas Vermelhas).

A professora Maria (Artes, EEB Lírios Brancos) recorreu a professora de História da escola para trabalhar com a temática de gênero em suas aulas. A professora tomou essa atitude, pois em uma aula quando estava apresentando algumas imagens as/os estudantes começaram a dizer que a mulher é inferior ao homem até nas Artes.

Essas situações refletem no despreparo que essas/es profissionais da educação possuem sobre a temática e mostram a importância para uma formação continuada. Durante as entrevistas elas/es afirmaram não saber como trabalhar com o tema, e diante dessas dificuldades isso fica claro.

Pedro (Matemática, EEB Lírios Brancos) sentiu os olhares direcionados para ele quando chegou à escola e contou:

Eu percebi isso e pensei como um aluno deve se sentir numa sala de aula quando o professor lança olhares, isso é opressão. Eu já tive relacionamentos com homens, hoje namoro uma menina mulher (risos) e quando cheguei na escola eu ouvi piadinhas do tipo “huuum é bicha”. Eu me calei, durante toda a minha adolescência eu me calei. Um dia um aluno do Ensino Médio me chamou e disse professor eu acho que só você me entende. Eu logo pensei que ele iria me contar que era gay e contou. Disse que sente atração por homens (professor levantou a voz e reforçou) ele sente atração, isso não quer dizer que ele não seja homem e não possa se sentir como homem! Poxa vida! Eu conversei com ele e disse que ele não precisa ter vergonha disso, que precisa ser mais forte que os olhares e que não precisa se esconder porque ele é como qualquer outra pessoa que tem atrações. E eu disse que ele sempre pode conversar comigo e não deve esconder de mim ou da escola se ele passar por alguma situação, ele tem direito de ser respeitado e não ser comparado. (Pedro, Matemática, EEB Lírios Brancos).

Algumas professoras e alguns professores conseguem discutir a temática com maior aprofundamento em algumas disciplinas, como História, Sociologia e Português. Outras/os alegam não estarem preparados e mesmo que tentam trabalhar com a temática deixam passar situações na sala de aula, como observado acima.

De acordo com Luciana Rosa Marques (2009) a escola tem um papel importante na formação sobre a diversidade, diferença e os direitos. A escola é o espaço de discussão e agirá como um espaço de formação de valores e práticas. Desse modo, a escola assume um compromisso de protagonista para um debate em relação a igualdade.

Sendo a escola esse espaço de discussão não significa que ela deva ocorrer apenas em uma disciplina, mas a escola precisa se tornar um espaço de formação

para as/os estudantes. Assim como, as/os professoras/es precisam estar preparadas/os para perceber as situações do cotidiano, como as que foram citadas anteriormente.

As situações que não são trabalhadas ou são deixadas de lado porque não são percebidas podem reforçar preconceitos, discriminações e violências no ambiente escolar, principalmente porque vivemos numa sociedade de relações hierárquicas, onde ainda os homens são superiores as mulheres, relações essas reproduzidas pela escola. Entretanto, podem pensar em ações para uma transformação sobre as relações construídas na sociedade, através da desconstrução dos discursos hierárquicos, da promoção dos direitos e da valorização das diferenças (MARQUES, 2009).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica:

Cabe, pois, à escola, diante dessa sua natureza, assumir diferentes papéis, no exercício da sua missão essencial, que é a de construir uma cultura de direitos humanos para preparar cidadãos plenos. **A educação destina-se a múltiplos sujeitos e tem como objetivo a troca de saberes, a socialização e o confronto do conhecimento, segundo diferentes abordagens, exercidas por pessoas de diferentes condições físicas, sensoriais, intelectuais e emocionais, classes sociais, crenças, etnias, gêneros, origens, contextos socioculturais, e da cidade, do campo e de aldeias. Por isso, é preciso fazer da escola a instituição acolhedora, inclusiva, pois essa é uma opção “transgressora”, porque rompe com a ilusão da homogeneidade e provoca, quase sempre, uma espécie de crise de identidade institucional.** (BRASIL, 2013, p. 25, grifos do autor).

A escola precisa estar atenta as pluralidades e desempenhar um papel que projete a emancipação. Assim, **“na Educação Básica, o respeito aos estudantes e a seus tempos mentais, socioemocionais, culturais, identitários, é um princípio orientador de toda a ação educativa”** (BRASIL, 2013, p. 35, grifos do autor), e para isso, criar condições para as diversidades, inclusive de gênero.

O Projeto Político Pedagógico do Ensino Médio, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais deve considerar:

[...] XV – valorização e promoção dos direitos humanos mediante temas relativos a **gênero, identidade de gênero**, raça e etnia, religião, **orientação sexual**, pessoas com deficiência, entre outros, bem como práticas que contribuam para a igualdade e para o **enfrentamento de todas as formas de preconceito, discriminação e violência sob todas as formas.** (BRASIL, 2013, p. 178, grifos autor).

É partindo dessas considerações expressas nesses documentos que a escola deve cumprir com as ponderações a respeito das relações de gênero. O coletivo escolar precisa colocar essa proposta que é lei nos seus planejamentos e encontrar a melhor forma de garantir que todas/os estejam valorizando uma educação baseada na igualdade de gênero.

### 4.3 A “IDEOLOGIA DE GÊNERO”

No ano de 2015/2016 ocorreu o debate a respeito da implementação da discussão de gênero nos Planos Municipais da Educação. Inicialmente em alguns grupos ligados a Igreja Católica o debate do termo “Ideologia de Gênero” começou a difundir-se. Pensando nisso, as/os professoras/es entrevistadas/os nessa etnografia foram questionados a respeito da ideologia de gênero para saber se eles concordavam ou não com esse discurso.

Para muitas/os a “ideologia de gênero” ainda não está totalmente compreendida. Como é o caso do professor Ricardo (Química, EEB Rosas Vermelhas), Marizete (Português, EEB Rosas Vermelhas), Henrique (Educação Física, EEB Rosas Vermelhas) e Josemar (Português, EEB Lírios Brancos) que não lembram muito sobre o assunto, e somente conseguem fazer a relação com os evangélicos.

O professor Richard (História, EEB Rosas Vermelhas) não tem conhecimento sobre o termo, porém disse:

[...] a religião ao longo da história tem prestado um serviço e me parece que dentro dessa lógica que eles chamam de ideologia de gênero é mais um de serviço. Deveriam ser os primeiros a pregar a igualdade e a diversidade. Agindo dessa maneira está fortalecendo que a sociedade continue num modelo machista, a mulher continue submissa e infelizmente isso é o que, e o que favorece isso é a religião. (Richard, História, EEB Rosas Vermelhas).

Maria (Artes, EEB Lírios Brancos) mesmo não tendo nenhum curso direcionado a gênero sabe que as relações entre homens e mulheres são desiguais. Sugere que a sociedade é machista “[...], além disso, eu acredito que a religião pesa

bastante nesses discursos, mas não vejo nexos nisso. Sou a favor da diversidade e não vou destruir família nenhuma falando sobre gênero”.

Eduarda (Inglês, EEB Rosas Vermelhas) pensa que a resposta para a “ideologia de gênero” é o estudo sobre gênero. As/os professores/as não se sentem preparados e nem sabem ao certo como e o que falar sobre gênero em sala de aula. A “ideologia de gênero” usa disso para o seu discurso, afirmou a professora.

Letícia (Português, EEB Lírios Brancos) vai adiante, disse que além da escola ser responsável por discutir gênero com as/os estudantes, as famílias também precisam ter essa preocupação. Para ela o discurso da ideologia de gênero está desconstruído o que de fato é trabalhado nas relações de gênero.

O professor João (Filosofia, EEB Rosas Vermelhas) alegou que o “perigo” mesmo é não trabalhar as questões de gênero na escola. O “perigo” está em dizer que homens e mulheres têm as mesmas oportunidades, e as/os professores/as se recusarem a participar desse diálogo e acreditarem que trabalhar gênero é uma ideologia e que vai destruir as famílias, alias, “[...] trabalhar gênero na escola pode acabar salvando uma família, essa pode aprender a respeitar e a entender que o que a sociedade diz e impõe, nem sempre é o que deve ser”, disse João (Filosofia, EEB Rosas Vermelhas).

Eliana (Inglês, EEB Lírios Brancos) em sua entrevista comentou que já ouviu falar sobre a “ideologia de gênero” e que não concorda. Mas refletiu que com a falta de formação das/os professoras/es na área pode ser uma justificativa para a ideologia de gênero.

A professora Adriana (História, EEB Lírios Brancos) entendeu que “as relações de gênero são camufladas na sociedade, a qual gera muito preconceito. Discutir essas questões abertamente (exemplo, papéis de gênero, construção histórica) causa medo em alguns setores mais conservadores da sociedade (igreja)”. Já Solange (Sociologia, EEB Lírios Brancos) acredita que é “absurdo” a “ideologia de gênero”, pois trabalhar com gênero é “[...] valorizar as diferenças, reproduzir a cultura do respeito, incentivar a valorização do outro. Perigo é não falar sobre essas questões em sala de aula” defende a professora.

Pedro (Física; Matemática, EEB Rosas Vermelhas) assim como Solange (Sociologia, EEB Lírios Brancos) percebeu o discurso da “ideologia de gênero” como um discurso “absurdo”, quando ele pensa que tudo pode se transformar no ambiente escolar para ajudar as/os estudantes chega à “ideologia de gênero” e acaba com a

trabalho realizado com a igualdade entre homens e mulher, comenta o professor. E, além disso, a religião “[...] tem uma persuasão, imagina as famílias ouvindo ou lendo a aquela carta do Padre. É óbvio que eles vão concordar. Então acho que quem está destruindo as famílias são a religião e a persuasão que eles tem sobre as pessoas” (Pedro, Física; Matemática, EEB Rosas Vermelhas).

Outros professores acreditam que a ideologia de gênero está correta. Como o caso do professor Emanuel (Matemática, EEB Lírios Brancos), em sua entrevista explicitou que a escola não pode ser responsável por trabalhar gênero e nem sexualidade. O professor concorda com o discurso da ideologia de gênero, pois as famílias não gostariam que suas/seus filhas/os aprendessem sobre homossexuais ou sobre com quem pode se relacionar ou ser.

Elias (Filosofia, EEB Lírios Brancos) também acredita que não é dever da escola trabalhar gênero. As/os estudantes tem suas culturas e religiosidades, e trabalhar com a questão do homem e mulher pode trazer problemas para as famílias.

Jucimara (Biologia, EEB Lírios Brancos) concordou plenamente com o discurso da “ideologia de gênero”. Ela disse que não é obrigada a doutrinar na escola e que nem iria. Essa história de gênero na escola só servirá para trazer mais problemas para a educação.

Regis (Geografia, EEB Rosas Vermelhas) concordou em número e grau com a “ideologia de gênero”. Ele como professor de Geografia não trabalha com gênero em sala de aula, pois acredita que a educação moral deve ser dada pela família e não pela escola.

Na IV Conferência Mundial das Nações Unidas sobre a mulher, que ocorreu em setembro de 1995 em Pequim, o termo gênero entrou em debate (PEQUIM, 1995). Gênero começou a ser visto como papéis que são socialmente construídos, e

[...] muitos delegados participantes que ignoravam esta "nova perspectiva" do termo em questão, solicitaram a seus principais promotores uma definição clara que pudesse esclarecer o debate. Deste modo a cúpula da conferência da ONU emitiu a seguinte definição: *"O gênero se refere às relações entre mulheres e homens baseadas em papéis definidos socialmente que se referem a um ou outro sexo"*. (BURGGRAF, 2015, GRIFOS AUTOR).

Parafraseando os dados da Conferência apareceu alguns pontos importantes

para a igualdade entre homens e mulheres. Aliás, pontos que devem ser debatidos e erradicados como forma de discurso e ação. Entre eles: que a escola com preconceito de gênero através de materiais, condutas, profissionais apenas reforça mais a desigualdade de gênero; necessidade de trabalhar com estereótipos sobre os papéis que devem ser cumpridos por homens e mulheres; a desigualdade de gênero baseada em práticas e costumes faz com que meninas além de ir para escola precisam realizar afazeres domésticos, diferentes dos meninos; análise e promoção de políticas públicas baseadas numa perspectiva de gênero para tratar da infância e juventude de meninas e meninos; entre outros (PEQUIM, 1995).

Utilizando dessa Conferência e dos significados do termo gênero, que a Ideologia de gênero começa a tomar forma e significados. Como aborda Jutta Burggraf (2015), a família foi o primeiro alvo, pois a família sofreria uma desconstrução através dessa perspectiva do termo gênero.

A respeito disso, Dom Antonio Carlos Rossi Keller<sup>15</sup> que é Bispo de Frederico Westphalen do Estado de Rio Grande do Sul fez uma declaração. Em uma nota a respeito da implantação da “Ideologia de Gênero” no Plano Municipal da Educação o Bispo afirmou que isso é um perigo do para as famílias se fosse aprovado.

Dom Antonio Carlos Rossi Keller usou de dois argumentos. O primeiro tem como base a visão antropológica, dizendo que “[...] o sexo masculino ou feminino dado pela Biologia não tem valor, pois o que vale é a construção da identidade sexual psicológica dada pelas culturas nas diversas fases da história”. O ser homem e o ser mulher seria uma escolha aprendida na família e na escola. No aspecto teológico o Bispo argumenta que:

No aspecto teológico, a ideologia de gênero é uma afronta ao projeto de Deus para a humanidade. É a criatura tentando tomar o lugar do Criador e recriar o ser humano com o sopro revolucionário mundano a fim de apagar nele, se possível fosse, o sopro divino insuflado na sua criação, conforme a linguagem bíblica de Gênesis 72. (KELLER, 2015).

Na cidade de Chapecó o discurso não é diferente. No site da Diocese de Chapecó foi postado a nota do Conselho Permanente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, que fica claro novamente o “perigo” da implantação da “Ideologia de gênero” nos Planos de Educação. A CNBB disse que tem um

---

15 Disponível em: <<http://www.encontrocomobispo.org/2015/06/dom-antonio-carlosrossi-keller-pela.html>>. Acesso em: nov. de 2016.



compromisso em combater a discriminação e reafirma-o. E ressalta a importância dos pais para a educação dos seus/suas filhas/os.

Em outra postagem, Dom Odelir José Magri, bispo da Diocese de Chapecó afirma concordar com a nota escrita pelo Dom Antonio Carlos Rossi Keller e o risco da “Ideologia de gênero” nas famílias. Dom Odelir José Magri postou a carta de Dom Antonio Carlos Rossi Keller na íntegra, por acreditar na sua importância, e na necessidade de ser repassada para todas as famílias.

A partir desses discursos, foi elaborada uma cartilha sobre a ideologia de gênero pela Igreja Católica (FURLANI, 2015) apresentando na primeira página a seguinte frase “Você já ouviu falar sobre ideologia de gênero?” e em seguida, “Conheça esta ideologia e entenda o perigo que você e seus filhos estão correndo!”. Diante dessa cartilha, Furlani (2015) pontuou algumas confusões teóricas que estavam presentes.

De acordo com Furlani (2015, p. 2) o termo utilizado “Ideologia de gênero”, “[...] não está presente, não é de uso no contexto das Teorias de Gênero. Esse termo, essa expressão, foi criada/inventada, recentemente, no interior de alguns discursos religiosos”. Ou seja, a cartilha produzida possui as suas interpretações a respeito dos conceitos dos Estudos de Gênero, caracterizadas por Furlani (2015) como “[...] interpretações e conclusões confusas [...]”, que provocam opiniões contrárias, em respeito, da utilização do tema gênero nos Planos de Educação (Municipais e Estaduais).

Também é abordado na cartilha da Igreja Católica que organizações, como a escola, estão querendo destruir as famílias. Furlani (2015) explica que a família é vista uma instituição sólida, porém em transformações. Com isso, a escola como espaço de acolhimento deveria respeitar e visibilizar as transformações ocorridas nas famílias brasileiras, para que, ocorra o reconhecimento das/os estudantes diante os diferentes arranjos familiares.

Conforme apresentado na cartilha, “a ‘ideologia de Gênero’ afirma que ninguém nasce homem ou mulher, mas deve construir sua própria identidade, isto é, o seu gênero, ao longo da vida” (p. 02), além disso, “[...] ‘Gênero’ seria uma construção pessoal, auto-definida, e ninguém deveria ser identificado como ‘homem’ ou ‘mulher’, mas teria de inventar sua própria identidade (p. 02). Nesse ponto, Furlani (2015) dirá que é possível encontrar na sociedade pessoas que tenham um corpo biológico (homem ou mulher) mas a sua identidade será oposto, ou seja,

homens afeminados e mulheres masculinas – isso é o que chama-se identidade de gênero (Idem, 2015).

Outras questões aparecem nas observações de Furlani (2015) como a discussão de gênero na escola. Conforme a cartilha da Igreja Católica, se for permitido a discussão da “Ideologia de gênero” nas escolas ocorrerá uma deformação da identidade através de materiais didáticos.

Em entrevista à Agência Pública, Furlani<sup>16</sup> (2016) explica sobre a origem da ideologia de gênero e sobre sua influência. Para a pesquisadora,

A ideologia de gênero é um termo que apareceu nas discussões sobre os Planos de Educação, nos últimos dois anos, e tem sido apresentado a nós como algo muito ruim, que visa destruir as famílias. Trata-se de uma narrativa criada no interior de uma parte conservadora da Igreja Católica e no movimento pró-vida e pró-família que, no Brasil, parece estar centralizado num site chamado Observatório Interamericano de Biopolítica. Em 2015 especialmente, algumas pessoas se empenharam em se posicionar contra a “ideologia de gênero”, divulgando vídeos em suas redes sociais: o senador pastor Magno Malta, o deputado Jair Bolsonaro, o deputado pastor Marco Feliciano, o pastor Silas Malafaia, a pastora Damares Alves, a pastora Marisa Lobo. Meus estudos mostraram que o termo é usado em 1998, em uma Conferência Episcopal da Igreja Católica realizada no Peru, cujo tema foi “A ideologia de gênero – seus perigos e alcances”. (FURLANI, 2016).

Furlani (2016) é questionada sobre a diferença entre gênero e ideologia de gênero. Ela explica que a partir do momento que o biológico começou a determinar o “destino social”, ou seja, quem é inferior e superior, o conceito gênero surge e ilustra que o biológico não indica uma inferioridade, fazendo com que, “[...] muitas das desigualdades às quais as mulheres eram e são submetidas, na vida social, são decorrentes da crença de que nossa biologia nos faz pessoas inferiores, incapazes e merecedoras de menos direitos” (FURLANI, 2016).

Já a “ideologia de gênero”, Furlani (2016) disserta que:

---

<sup>16</sup> Disponível em: < <http://apublica.org/2016/08/existe-ideologia-de-genero/>>. Acesso em: Jan. 2017.

Na minha opinião, há usos distintos da chamada “ideologia de gênero”. Parece que, no âmbito da cúpula da Igreja Católica, trata-se de uma questão dogmática e relacionada aos valores da ideologia judaico-cristã, que, segundo seus representantes, estariam sendo ameaçados pelo conceito gênero por causa das mudanças no comportamento das mulheres e nas leis sobre aborto, por exemplo, da aceitação das várias famílias e do reconhecimento dos direitos da população LGBT. Outro uso vem de representantes evangélicos: embora existam aqueles católicos que se aproveitam eleitoralmente dessa narrativa, usar a “ideologia de gênero” e sua suposta “ameaça” às crianças e à família tem sido mais presente em candidatos evangélicos – vide a chamada bancada cristã, que não apenas no Congresso Nacional, mas em todos os legislativos do país, deve aumentar, nas próximas eleições, à custa de campanhas cujo foco de “convencimento” deverá ser combater a ideologia de gênero. (FURLANI, 2016).

Outra razão que está no cerne da ideologia de gênero é sobre os estudos de gênero negarem a biologia, sobre isso, Furlani (2016) comenta:

Muitos pastores, em 2015, lançaram vídeos falando a respeito da ideologia de gênero, “explicando sua ameaça” às crianças e às famílias, com argumentos, visivelmente idênticos, em falas que não diferiam muito e confundiam e alarmavam mais do que explicavam o conceito gênero. Diziam coisas como: “Segundo a ideologia de gênero, você não vai mais poder dizer que é menina ou menino; a escola vai te doutrinar dessa forma. Tudo isso porque querem destruir sua família”. Dando continuidade à explicação, afirmavam: “Eles (os perversos ideólogos de gênero) querem negar nossa biologia!” Esse argumento da negação da biologia não é apenas absurdamente equivocado em relação aos estudos de gênero, mas constitui-se num ato deliberado de má-fé – uma desonestidade intelectual daqueles que criaram e divulgam a ideologia de gênero no Brasil. Os estudos de gênero não negam a biologia por um motivo muito simples: é preciso que ela exista para que possamos dizer que gênero é tudo o que não é biológico, ou seja, gênero difere da biologia, gênero é um conceito da sociedade e da cultura, gênero é, exatamente, o contrário. Não faz nenhum sentido dizer que os estudos de gênero negam a biologia; os estudos de gênero discordam é do determinismo biológico – quando a biologia é utilizada pra definir nosso destino social. Tenho que admitir que a construção dessa estratégia foi muito inteligente! Destaca-se o brilhantismo em construir uma narrativa, suficientemente ameaçadora para sociedade, na medida em que ela se volta para a criança e a família no seu intuito destruidor. Não há nada que mobilize mais as pessoas, principalmente pais e mães, do que alardear que “algo” ameaça suas crianças e que há um complô mundial para destruir sua família. (FURLANI, 2016).

Começa a surgir junto com a ideologia de gênero outros projetos como Escola Sem Partido, garantindo que aquelas/es que discordam desse discurso não tenha autonomia na sua fala. Além disso, a ideologia de gênero começa ter uma relação política, e “[...] e não há nenhum interesse em mostrar para as famílias, pais e mães, que não há nenhuma ação concreta que busque a destruição da família e que

ninguém na escola vai dizer que um menino não é menino ou que uma menina não é menina” (FURLANI, 2016).

Como explanou Furlani (2016) a ideologia de gênero acaba se tornando uma questão política. Como visto essa “doutrinação de meninas e meninos” que é o foco para as/os adeptas/os da ideologia de gênero é coisa de um partido político – o PT. Sobre isso, a autora respondeu:

Palavras como gênero, identidade de gênero, orientação sexual e educação sexual foram excluídas dos planos nacional, estaduais e municipais de educação. O suposto pernicioso governo federal, o partido político e suas políticas de educação foram igualmente banidos do poder e do MEC. Para conter os revolucionários professores, especialmente aqueles que possuem sensibilização com o respeito às diferenças e discutem as formas de preconceito no cotidiano escolar, busca-se aprovar o projeto Escola Sem Partido – aliás, excelente aliado daqueles que criaram e divulgam a existência da ideologia de gênero. Se o governo do PT que criou a ideologia de gênero não está mais no poder, se tudo está sob controle e as políticas de educação do MEC, os livros didáticos e a formação de professores não mais conterão a perspectiva de gênero, então, por que é preciso manter vivo esse monstro? Por que pastores continuam dizendo em seus vídeos, missas, cultos que irão combater a ideologia de gênero? Primeiro, para manter a assustadora narrativa ideologia de gênero. Segundo, para apresentar-se como paladino da justiça, como aquele que vai combater e defender as criancinhas e a família brasileira da ideologia de gênero. Terceiro, para assim pedir o voto e se eleger. Quarto, para, ao ser eleito, impedir ou fazer retroceder conquistas, nas leis, para mulheres, a população LGBT e o reconhecimento das religiões de matrizes africanas; e, quinto, para aprovar leis como o Estatuto da Família, alterar a Constituição Federal, instituir uma teocracia cristã no Brasil. Sim, estou bem pessimista. A ideologia de gênero se tornou um excelente cabo eleitoral, e não há nenhum interesse em mostrar para as famílias, pais e mães, que não há nenhuma ação concreta que busque a destruição da família e que ninguém na escola vai dizer que um menino não é menino ou que uma menina não é menina. (FURLANI, 2016).

Assim como em outras cidades, na cidade de Chapecó ocorreu uma audiência sobre a inclusão da palavra gênero no Plano Municipal da Educação. Numa reportagem na Folha de Chapecó intitulada “Audiência debate PME e divergências sobre gênero em Chapecó” relata que a audiência partiu do vereador Nacir Marchesini (PT), para discutir a implementação do tema gênero no Plano Municipal da Educação.

Nessa reportagem, consta algumas entrevistas para sustentar o posicionamento da discussão de gênero ser inserida ou não no PME. Foi entrevistada a professora Myrian Aldana que é coordenadora do Grupo de Estudos de Gênero da Unochapecó. O posicionamento da professora Aldana, ao contrário do que diz a Ideologia de gênero, ela acredita que gênero na educação somente

reforçará as famílias. Aldana (2015) sustenta que o estudo de gênero apresenta as relações entre homens e mulheres, pois “começaram a dizer que é uma ideologia que quer acabar com a família e muitos tem pânico de falar a palavra. Mas para preservar a família se deve estudar gênero, pois haverá mais diálogo entre homens e mulheres”.

A professora explica brevemente na sua entrevista a origem dos estudos de gênero, os quais iniciou na década de 60 quando além de perceber as desigualdades sociais e de raça se observou as desigualdades entre homens e mulheres. O estudo partiu da ideia de perceber não só as relações homossexuais, mas também heterossexuais, com o objetivo de compreender os papéis de homens e mulheres e seu lugar na sociedade, provocando assim o reconhecimento das diferenças e das diversidades encontradas na sociedade.

Pautado nessa ideia, o Psicólogo Clínico Lucas Guerra, que também é entrevistado na mesma reportagem, explica que o estudo de gênero na escola vai provocar nas crianças uma modificação no seu modo de pensar, e com isso, não haveria a reprodução de preconceitos. Guerra diz que “em um estado laico; e, portanto que deve fornecer educação pública laica, não devem existir restrições daquilo que deve ser ensinado em funções das ideologias pessoais ou partidárias de alguns setores da sociedade”.

Para o Psicólogo, tanto gênero como sexualidade são Diretrizes Curriculares Nacionais e transversais aos conteúdos, desde a década de 1990. Portanto, se muitos são contra e querem tirar gênero dos Planos Municipais mostra apenas um desconhecimento sobre o tema, afirma Guerra (2015).

A questão de trabalhar ou não as relações de gênero nas escolas não é de hoje. A chamada “ideologia de gênero” é cerne do debate e também justificativa para que a questão das relações de gênero não seja trabalhada em sala de aula.

Para várias/os autoras/es, pesquisadoras/es, educadoras/es e até mesmo religiosas/os trabalhar com a temática das relações de gênero em sala de aula é um “perigo”. O Cardeal Robert Sarah é um exemplo desse discurso, ele escreveu o prefácio do livro de Marguerite A. Peetrs – que também discute a ideologia de gênero, e a primeira coisa que o Cardeal diz no prefácio é “Obrigado. Essa foi a primeira palavra que brotou de meu coração e escapou de meus lábios ao ler esse livro” (SARAH, p.07, 2015).

Sua justificativa baseia-se que “segundo a ideologia de gênero, não existe diferença ontológica entre o homem e a mulher” (SARAH, p. 07, 2015). Porém Motta (2011, p. 53) disse que “se concordamos que gênero é uma construção social, que a sociedade nos ‘ensina’ o que ela considera ‘masculino’ e o que ela considera ‘feminino’, estamos entrando, definitivamente, no terreno da educação”.

Isso significa que trabalhar as relações de gênero na escola não é dizer que não existe uma diferença entre homem e mulher como justifica o Cardeal e sim que, a sociedade constrói a feminilidade e a masculinidade, como disserta Motta (2011, p. 53) quando diz “[...] ou seja, seu grupo social já vai construindo a identidade de gênero daquele membro”, exemplificando através da ultra-sonografia que após identificar o sexo já inicia-se o processo de construção da identidade de gênero.

O Cardeal Robert Sarah<sup>17</sup> em uma intervenção no National Catholic Prayer Breakfast em Washington (EUA) fez sua fala afirmando que a ideologia de gênero é uma ameaça contra as famílias, pois a discussão de gênero significa que não é necessário existir pais e mães, como comenta o Cardeal<sup>18</sup>.

Ao contrário disso, “a escola tem um papel fundamental na socialização e na disciplinarização dos corpos, das mentes, dos sentimentos e dos comportamentos dos sujeitos que passam por seus portões” (MOTTA, 2011, p. 47). Em nenhum momento é falado em destruir uma família ou dizer que não deve haver pais e mães. Trabalha-se contra a normatização, ou seja, que meninas devem ser assim e meninos daquele modo, a diferença não é transformada em estigma, luta-se contra a discriminação e preconceito.

Para Marguerite A. Peetr (2015, p. 25) consultora do Conselho Pontifício para Cultura, “o gênero é um conceito pós-moderno. A pós-modernidade é um fenômeno cultural complexo, ainda relativamente pouco estudado e insuficientemente discernido”. Gênero estaria utilizando-se de todo um sistema ideológico para a sua construção intelectual.

A luta pela igualdade promovida pelos estudos de gênero, causariam uma limitação para as mulheres, pois seu objetivo não é que o papel da mulher seja igual do homem, logo as mulheres teriam apenas uma escolha (PEETERS, 2015). E,

---

<sup>17</sup> Prefeito da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos [Sacramentos](#) no Vaticano.

<sup>18</sup>Disponível em: <http://www.acidigital.com/noticias/cardeal-sarah-ideologia-de-genero-e-mortal-e-demoniaca-10970/>. Acesso em: Ago. 2016.

Segundo a lógica do feminismo do gênero, essa igualdade de acesso passa pela desconstrução dos “estereótipos” femininos ou masculinos, pela aceitação cultural da contracepção e do direito ao aborto, pela luta contra as *discriminações sexistas*, por uma redistribuição *global do poder social* dos sexos, única que pode eliminar as disparidades de gênero (*gender disparities*), institucionalizadas nas leis e costumes sociais, e preencher o fosso dos sexos (*gender gap*). (PEETERS, 2015, p. 40-41, grifos do autor).

Olivier Bonnewijn (2015, p. 45-62), sacerdote na arquidiocese de Malines-Bruxelas e doutor em Teologia, afirmou existir um projeto do *Gender Radical*, que tem como principal objetivo desconstruir a sociedade e obter novos ideais. Como exemplo, o autor cita algumas ações do projeto: desconstrução da maternidade, desconstrução da família, desconstrução da linguagem e rumo a um mundo pós-sexual. Estariam aliados ao projeto os Movimentos homossexuais e de lésbicas; *Queer theory*; e o existencialismo, ultraliberalismo, estruturalismo e neomarxismo.

Para Marisa Lobo (2016, p. 63), psicóloga clínica e teóloga, a ideologia de gênero é uma imposição à escola. Concorda que na escola são estabelecidas as relações sociais, porém no conto do gênero “[...] o sexo é uma construção cultural e social que pode ser modificada até chegar a uma completa igualdade, na qual não haja mais famílias, tanto heterossexuais quanto alternativas”. De acordo com a autora o que seria ensinado é que todas/os deveriam ser assexuais e a feminilidade e a masculinidade não seriam mais coisas naturais (LOBO, 2016).

Para ela, o Plano Nacional da Educação é uma armadilha que esconde a ideologia de gênero. Assim como os livros didáticos e paradidáticos, que estão na escola “[...] por meio de outras cartilhas e livros escolares, com o mesmo propósito do *kit gay*: inculcar nas crianças a ideia de que elas podem escolher o próprio sexo, independentemente do que a natureza já determinou” (LOBO, 2016, p. 89).

Fernando Seffner (2008) comentou que a crise nas relações de gênero é baseada na crise em relação à distribuição de poder. Mas isso não sugere que seja culpa dos homens,

[...] também não se pode dizer que sejam simplesmente “vítimas” dos chamados “papéis de gênero”, que os “obrigam” a manter uma atitude guerreira, com evidentes prejuízos em termos emocionais e de saúde. Mas os homens podem ser educados para perceber estas situações e para lutar por um mundo onde a equidade de gênero seja a regra. (SEFFNER, 2008, p. 18).

A escola não dá conta de resolver essa questão sozinha, “mas a escola pode ser um ambiente onde os meninos e as meninas passem por uma experiência de estudo e discussão destes temas, e de vivência num contexto onde a equidade de gênero é a regra” (SEFFNER, 2008, p. 18). Até o momento fica difícil relacionar o estudo de gênero na escola como algo que é imposto na escola, como afirma a ideologia de gênero.

Os argumentos utilizados na ideologia de gênero não são realmente o que o estudo determina. Dagmar E. Meyer (2008, p. 25) é clara em dizer,

O conceito de gênero indica o seguinte: nós aprendemos a ser homens e mulheres desde o momento em que nascemos até o dia em que morremos e essa aprendizagem se processa em diversas instituições sociais, a começar pela família, passando pela escola, pela mídia, pelo grupo de amigos, pelo trabalho, etc. Mas significa mais ainda: como nós nascemos e vivemos em tempos e lugares específicos, gênero reforça a necessidade de se pensar que há muitas formas de sermos mulheres e homens, ao longo do tempo, ou no mesmo tempo histórico, nos diferentes grupos e segmentos sociais. O conceito de gênero também não se refere mais ao estudo da mulher, ele é um conceito que procura enfatizar a construção relacional e a organização social das diferenças entre os sexos, desestabilizando desta forma o determinismo biológico e econômico vigente, até então, em algumas das teorizações anteriores.

Além disso, o conceito ajuda a entender as construções do feminino, articulado com as construções do masculino. E “[...] tem mais: o que é apresentado como feminino, nas sociedades ocidentais, toma o masculino como referência” (MEYER, 2008, p. 25).

Conforme Meyer (2008, p. 25) a mulher

[...] é apresentada como o oposto do homem, só que esta não é uma simples oposição: ela é, como todas as oposições binárias que estruturam o pensamento moderno, uma oposição hierarquizada, em que um dos termos da equação é socialmente menos valorizado que o outro. As oposições binárias são, também, relações de poder. (LOURO, 2001; MEYER, 2005).

O conceito de gênero

[...] então, enfatiza a construção relacional do sexo e a organização social desta construção, entendendo que ela é uma construção que é histórica e que precisa ser entendida a partir de sua articulação com outras categorias sociais como classe social, raça/etnia, geração, sexualidade, para citar algumas das mais importantes. (MEYER, 2008, p. 26).



Em suma, discutir a questão de gênero é desconstruir as relações e as desigualdades entre homens e mulheres. Como podemos ver nas entrevistas oito professoras/es são contra a “ideologia de gênero”, estas/es que também acreditam e afirmaram a importância da temática na escola.

As/os quatro professoras/es que são a favor da “ideologia de gênero” desde três são as/os professoras/es que tratam as relações de gênero com sinônimo de sexualidade. Para elas/es não deve haver um debate crítico na escola sobre gênero, pois estariam diretamente trabalhando com a homossexualidade.

O professor que é a favor da “ideologia de gênero” e que também relaciona gênero com sexualidade, em outro momento da entrevista disse ser a favor do tema em sala de aula. Porém para ele a temática não aparece durante suas aulas de Filosofia e também não deve ser dever da escola trabalhar.

As opiniões das/os professoras/es se diferenciam, porém muitos não conseguem associar gênero com seu significado e levam em considerações discursos que ouviram. As/os pessoas que defendem a ideologia de gênero podem dificultar para que mais professores/as não trabalhem com a temática em sala de aula.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A etnografia descrita nessa pesquisa trouxe dados importantes para discussão de gênero. Como observado, a questão da linguagem e o modo como as/os professoras/es tratam essa questão priorizam o uso da linguagem masculina, excluindo as vozes femininas das salas de aulas.

A linguagem masculina estava presente nas aulas observadas e como visto reforça estereótipos relacionados com a superioridade dos homens. Essa atitude não é percebida pela maioria das/os professoras/es e se torna algo do cotidiano prejudicando diretamente a visibilidade da presença feminina.

Os apelidos que apareceram durante as aulas também não foram debatidos, com a justificativa que não foram ouvidos. Mas as/os professoras/es alegam que sempre que ouvem, o apelido deve ser refletido em sala de aula.

As questões de gênero aparecem de outras formas como em cartazes espalhados pelas escolas, a divisão de esportes na hora de Educação Física, no tratamento das/os alunas/os e toda vez que a relação entre meninas e meninos aparecia, tanto na hora de relacionar, como nas diferenças biológicas e comportamentais.

Nas observações apareceu que a menina é fraca e que essa característica seria dada como algo inato. Ao contrário disso, essa afirmação é uma construção social das características destinadas para meninas e para meninos. Como também foi o caso de uma peça de roupa significar que o menino estava usando coisas de menina.

O exemplo das aulas de Educação Física apresentado na etnografia além de mostrar a separação entre meninas e meninos por um discurso de “existem coisas para meninos e coisas para meninas” apresenta também uma separação para que não aja contato físico entre meninas e meninos. Conforme Louro (2003),

[...] vão “contra” a feminilidade, ou melhor, se opõem a um determinado ideal feminino heterossexual, ligado à fragilidade, à passividade e à “graça”. Agregam-se aí outros argumentos, como o fato de que tais atividades podem “machucar” os seios ou os órgãos das meninas (curiosamente esse argumento não é, colocado em relação aos meninos), bem como podem estimular contatos entre as garotas que não seriam desejáveis. (LOURO, 2003, p. 75).

Várias/os professoras/es concordam que gênero deve ser trabalhado em sala de aula e como exemplificaram, elas/es buscam de alguma maneira fazer isso, mas pelos exemplos e situações citadas ainda existe uma falta de preparo das/os professoras/es diante a discussão de gênero. As disciplinas que mais problematizaram a temática, fazendo relação direta com seu conteúdo são: História, Sociologia, Filosofia e Português. A formação realizada pelas/es professoras/es ainda não é suficiente para trabalhar e perceber o tema na sala de aula.

Em consonância a isso, as/os mesmas/os professoras/es que trabalham de modo mais ampliado a temática apenas três delas/es tem formação em gênero. Outro fato que alerta para a formação em gênero é que são somente cinco professoras/es de dezessete professoras/es que possuem alguma formação e dois dessas/es possuem dificuldade para trabalhar com a temática, pois relacionam gênero somente com a sexualidade. Por não ter realizado nenhuma formação, o discurso presente nas entrevistas é “não estou preparada/o para trabalhar com as questões de gênero”, que justifica, muitas vezes, que essas questões apareceram e as/os professoras/es não trabalharam.

Na escola EEB Rosas Vermelhas com a entrevista da Assistente de Direção mostrou que a Direção não queria e tentava argumentar que gênero não deveria ser trabalhado com as/os estudantes. Como citado, em conversas paralelas e quando eu fui chamada para trabalhar com a temática, a Direção estava preocupada em como eu abordaria o tema.

Na EEB Lírios Brancos a temática é organizada na proposta do Ensino Médio Inovador. O tema do ano de 2016 foi a diversidade e como trabalhar com a diversidade nas diversas disciplinas. Porém em ambas as escolas a temática não é trabalhada no coletivo e as funções são direcionadas a determinadas áreas ou professoras/es.

A escola marcou territórios e espaços, dizendo onde meninas e meninos devem ficar e como devem se comportar. O exemplo mais claro disso está na divisão dos banheiros, mas a escola também demarca espaços quando não busca uma igualdade de gênero. O simples fato de a linguagem utilizada ser apenas no masculino, não busca o empoderamento das meninas, pois elas são deixadas de lado, como exemplo, quando a professora pede para uma aluna buscar um livro e

muda de ideia porque afirma que a aluna é fraca, então chama um menino para a tarefa.

Essa ideia reforça que esperamos determinados comportamentos e características para meninas e outras para meninos. As diferenças entre mulheres e homens não está na capacidade e sim, no biológico. Essa ideia está presente nas discussões de gênero quando é preciso mostrar que existe uma desigualdade marcada pelo sexo, que foram historicamente e culturalmente construídas nos papéis de gênero (FURLANI, 2016).

Ou seja, as identidades de gênero, como me sinto feminino ou masculino é marcado através dos corpos. Assim “aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam” (LOURO, 2007, p.15).

As relações de poder que crescem no território da escola são levadas para o futuro e muitas meninas consideradas fracas na infância crescem com o discurso que não podem fazer determinadas coisas (LOURO, 2003). A sociedade a todo momento ensina a ser feminino e a ser masculino e quando ocorre um esforço para desconstruir isso, a “ideologia de gênero” chega e inverte os papéis das/os profissionais que se esforçam para diminuir a desigualdade de gênero.

A ideologia de gênero e o conceito de gênero foram pouco explanados pelas/os entrevistadas/os. Gênero foi associado por doze professoras/es com a sexualidade e várias vezes no discurso da/o entrevistada/o a questão da homossexualidade era sinônimo quando deveriam trabalhar com as relações de gênero.

Essa ideia que está sendo difundida favorece o discurso da “ideologia de gênero” porque parece que trabalhar com gênero em sala de aula é apenas “uma destruição das famílias”, “ensinar meninas a gostar de meninas” ou “ensinar meninos a se relacionar com meninos”.

A forma como um discurso passa a se tornar uma verdade está na falta do conhecimento. Para Foucault (1984) o discurso mediatiza valores e sempre está repleto de significados que são dados como verdades, as palavras estabelecem uma relação de poder, poder que produz um efeito de verdade e saber, o que serve para a criação de um discurso.

Mesmo que oito professoras/es não concordaram com a “ideologia de gênero”, a falta de preparo impede que essas/es profissionais façam a diferença no

espaço que estão atuando. E relacionando esse fato como a forma que o discurso se torna uma verdade (Foucault, 1984) percebemos como uma brincadeira de chamar o colega de “mulherzinha” pode resultar em um discurso para as identidades de gênero.

É preocupante pensar que meninas e meninos ainda são ensinados a partir de uma diferença biológica e que essas marcas vão cada vez se estruturando conforme convivem no coletivo, nesse caso, como essas questões são reproduzidas na escola. É claro, que aprendemos a ser mulheres e homens conforme vamos nos socializando, mas

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo que se construiu sobre os sexos. (LOURO, 2003, p. 21).

Isso explica porque algumas professoras e professores concordam com o discurso que “meninas são fracas e meninos são fortes”, as diferenças entre meninas e meninos, mulheres e homens são produzidas pela diferença do sexo biológico. Não se observa, como justificou Louro (2008) uma compreensão das diferenças baseada no social, cultural e na história ao qual a sociedade vai se transformando, organizando e se reorganizando.

Para Louro (2007, p.86), “homens e mulheres não se constituem, apenas, por sua identidade de gênero, mas também por sua identidade de classe, de raça, de etnia, de sexualidade, nacionalidade, idade, homens e mulheres são, ao mesmo tempo, muitas ‘coisas’”. Ou seja, existem diversas maneiras de se caracterizar a identidade de gênero, e isso não significa que essas vivências da identidade de gênero, o conhecimento delas, serão expressados diretamente na sexualidade, como argumento da ideologia de gênero.

Nos documentos em que ainda consta “gênero” seu sinônimo é diversidade. A escola precisa estar preparada e promover um espaço para as diversidades, inclusive a de gênero. Porém o que falta é a promoção do conhecimento, que as escolas como coletivo preparem e, principalmente tenham interesse em aprofundar o tema com todas/os as/os envolvidos na educação.

A questão da “ideologia de gênero” vai muito além de influência no discurso, ela se transformou em um instrumento político, nas escolas observadas ela ainda não está sendo discutida, mas tem uma repercussão com quatro professoras/es que são a favor desse discurso. Com isso, mesmo a Legislação contendo a importância de trabalhar gênero na escola, as políticas públicas vão sendo deixadas de lado pela “ideologia de gênero”, como exemplo, foi a elaboração do Projeto Escola sem Partido, que prejudica mais os engajados e reforça o lugar daqueles que ainda não trabalham com o tema.

As áreas diversas evidenciam a falta de conhecimento sobre a temática e a dificuldade de perceber como algumas ações no cotidiano escolar podem favorecer a desigualdade de gênero. As/os professoras/es demonstram nas suas práticas a necessidade de terem uma formação e a importância do esclarecimento sobre gênero para trabalhar o tema na escola.

Em suma é preciso que a escola e todas/os que fazem parte do seu coletivo tenham uma formação continuada em gênero para desconstruir discursos expressados e naturalizados na sociedade. Somente assim, as desigualdades entre mulheres e homens podem tomar um caminho diferente do que foi observado com os dados fornecidos por esta etnografia.

## REFERÊNCIAS

- ALTMANN, Helena. SOUSA, Eustáquia. S. de. **Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar**. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19,nº48.Campinas,1999>. Acesso: 19 jul. 2009.
- ANGROSINO, Michel. **Etnografia e observação participante**. Trad. José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ATIÉ, Lourdes. Editorial. **Pátio-Revista Pedagógica**, Porto Alegre, ano 3, n. 10, ago/out, 1999.
- BONNEWIJN, Oliver. **Gender, quem és tu? Sobre a ideologia de gênero**. Trad. Teresa Dias Carneiro. São Paulo: CEDET, 2015.
- BURGGRAF, Jutta. **Perspectiva de gênero: seu perigo e alcance**. Disponível em: <<http://www.portaldafamilia.com.br/artigos/perspectiva-de-genero-perigo-e-alcance.shtml>>. Acesso em: Dez de 2016.
- BRAGA, Eliane Rose Maio. A Questão do gênero e da sexualidade na educação. In: RODRIGUES, Elaine e ROSIN, Sheila Maria (Org.). **Infância e práticas educativas**. Maringá: EDUEM, 2007, p. 211-220.
- BRANCOS, EEB Lírios. **Projeto Político Pedagógico**. Chapecó: 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da educação. Brasília, MEC: 2013.
- CARRARA, S. et al. (Orgs.). **Gênero e Diversidade na Escola: Formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais**. Livro de conteúdos. Rio de Janeiro/Brasília: CEPESC/SPM, 2009.
- CARTILHA Ideologia de gênero. Disponível em: <<https://s3.amazonaws.com/padrepauloricardofiles/uploads/ueqgb3e61nagba20sna/CartilhaldeologiaGenero.pdf>>. Acesso em: nov. 2016
- DA MATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Graal: 1984.
- \_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FRANCO, P.V; CERVERA, J. P. **Manual para o uso não sexista da linguagem**. PROTECA, 2006.

FURLANI, Jimena. Existe “Ideologia de gênero?”. Entrevistadora: Andrea Dip. Brasil: 2016. Disponível em: < <http://apublica.org/2016/08/existe-ideologia-de-genero/> >. Acesso em: Jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **Ideologia de gênero?**: explicando as confusões teóricas presentes na cartilha. Florianópolis: FAED, UDESC. Laboratório de Estudos de Gênero e Família, 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/jimena.furlani>>. Acesso em: nov. 2016

GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de Gênero e Sexualidade. (edição revisada). **Antropologia em Primeira Mão**, Florianópolis: UFSC/PPGAS, n. 24, 2010.

KELLER, Dom Antonio Carlos Rossi. **Nota pastoral sobre o risco da ideologia de gênero no plano municipal de educação**. Disponível em: <<http://www.encontrocomobispo.org/2015/06/dom-antonio-carlosrossi-keller-pela.html>>. Acesso em: nov. de 2016.

LOBO, Marisa. **A ideologia de gênero na educação**: como essa doutrinação está sendo introduzida nas escolas e o que pode ser feito para proteger a criança e os pais. Curitiba: Marisa Lobo Ministério, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, p. 59-76, jul./dez. 2000.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Gênero e sexualidade**: pedagogias contemporâneas. **Proposições**, Campinas, v. 19, n. 2 (56), p. 17-23, 2008.

\_\_\_\_\_. Pedagogias da sexualidade. In: \_\_\_\_\_ (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva – 2. ed., 3ª reimpressão – Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.9-34.

MARQUES, Luciana Rosa. Protagonismo escolar em diversidade, diferenças e direitos. In: SCOTT, Parry; LEWIS, Liana; QUADROS, Marion Teosósio de. **Gênero, diversidade e desigualdades na educação**: interpretações docentes e reflexões para formação docente. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009. P. 65-74.

MEAD, Margareth. **Sexo e temperamento**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1988.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero, sexualidade e currículo. In: **Educação para a igualdade de gênero**. Ano XVIII, Boletim 26, Nov. 2008.



MOTTA, Flávia de Mattos. Gênero, sexualidade e educação. *In*: SARTORI, Ari José; BRITTO, Néli Suzana (Orgs.). **Gênero na educação: espaço para a diversidade**. 3. ed. Florianópolis: Genus, 2011.

NOTA da CNBB sobre a inclusão de gênero nos Planos de Educação. Diocese de Chapecó: 2015. Disponível em: <[http://www.diocesechapeco.org.br/2011/index.php?link=vernoticia&id\\_noticia=816](http://www.diocesechapeco.org.br/2011/index.php?link=vernoticia&id_noticia=816)>. Acesso em: nov. 2015.

NOTA Pastoral sobre risco da Ideologia de Gênero no Plano Municipal de Educação. Diocese de Chapecó: 2015. Disponível em: <[http://www.diocesechapeco.org.br/2011/index.php?link=vernoticia&id\\_noticia=810](http://www.diocesechapeco.org.br/2011/index.php?link=vernoticia&id_noticia=810)>. Acesso em: nov. 2015.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho de antropólogo**. São Paulo: UNESP, 2000. P. 17-35.

PEETEERS, Marguerite A. **O gênero: uma norma política e cultural mundial**. Trad. Paulo Augusto da Silva. São Paulo: Paulus, 2015.

PEQUIM. Declaração e Plataforma de Ação da IV Conferência Mundial sobre a Mulher. 1995. Disponível em: < [http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2014/02/declaracao\\_pequim.pdf](http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2014/02/declaracao_pequim.pdf)>. Acesso em: Dez. 2016.

SANTA CATARINA. Governo do Estado. Secretaria de Estado da Educação. **Proposta Curricular de Santa Catarina: formação integral na educação básica**. Estado de Santa Catarina, Secretaria de Estado de Educação: 2014.

SARAH, Robert. Prefácio. *In*: PEETEERS, Marguerite A. **O gênero: uma norma política e cultural mundial**. Trad. Paulo Augusto da Silva. São Paulo: Paulus, 2015.

SARTORI, Ari José. Origem dos estudos de gênero. *In*: SARTORI, Ari José; BRITTO, Néli Suzana (Orgs.). **Gênero na educação: espaço para a diversidade**. 3. ed. Florianópolis: Genus, 2011.

SAYÃO, Déborah Thomé. **Gênero na educação: espaço para a diversidade**. Florianópolis: Genus, 2004.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, p. 5-22, jul./dez. 1990.

SEFFNER, Fernando. Gênero, sexualidade, violência e poder. *In*: **Educação para a igualdade de gênero**. Ano XVIII, Boletim 26, Nov. 2008.

SILVA, Hélio R. S. A situação etnográfica: andar e ver. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 171-188. jul/dez. 2009

SOUSA, E. S.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 48, Agosto, 1999.

STOLLER, Robert. **Masculinidade e Feminilidade**: Apresentações de Gênero. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

TAMANINI, Marlene. Cosmologia e o mundo das Deusas. *In*: SARTORI, Ari José; BRITTO, Néli Suzana (Orgs.). **Gênero na educação**: espaço para a diversidade. 3. ed. Florianópolis: Genus, 2011.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. *In*: **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. E. Nunes (Org.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

VERMELHAS, EEB Rosas. **Projeto Político Pedagógico**. Chapecó: 2015

VIANNA, Cláudia. Sexo e gênero: masculino e feminino na qualidade da educação escolar. *In*: AQUINO, Julio Groppa (org.). **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997, p. 119 – 129.

## APÊNDICE

Apêndice 01.

### ENTREVISTA GERAL – ROTEIRO

#### 1. IDENTIFICAÇÃO

Idade:

Estado Civil:

Número de filhos:

Formação acadêmica (Graduação, Pós-Graduação, Mestrado, Doutorado):

Há quanto tempo atua na Educação:

Efetivo ( ) ACT ( )

#### 2- FORMAÇÃO SOBRE O TEMA

1- Possui cursos na área da temática de gênero?

( ) Sim ( ) Não

2- Quais os cursos? Ano? Duração? (Cursos, palestras, eventos, seminários...)

#### 3- RELAÇÕES DE GÊNERO

1- Gênero deve ou não ser trabalhado no contexto escolar? Por quê?

2- Como lidar com as mais variadas formas de comportamento no que diz a respeito da relação de gênero no contexto escolar?

3- Você como professor/a trabalha em seus conteúdos as relações de gênero? Por quê?

4- **Se trabalha.** De que forma trabalha para uma “educação para a Igualdade das relações de Gênero”?

5- Muitos falam em Ideologia de Gênero e que inserir a temática de gênero dentro da sala de aula estaria acabando com as famílias e seria um perigo para a humanidade, o que você acha sobre isso?

6- A temática de gênero já apareceu durante as suas aulas? Como? De que forma você tratou?

7- A discussão de gênero está presente em alguns documentos que regem a Educação (Diretrizes, Plano Estadual de Educação), o que você entende por gênero?

Apêndice 02.

#### ROTEIRO ENTREVISTA ASSISTENTE DE DIREÇÃO

- 1- A discussão de gênero está presente em alguns documentos que regem a Educação (Plano Estadual de Educação), o que você entende por gênero?
- 2- Gênero deve ou não ser trabalhado no contexto escolar? Por quê?
- 3- Como lidar com as mais variadas formas de comportamento no que diz a respeito da relação de gênero no contexto escolar?
- 4- Como as relações de gênero são trabalhadas na escola?
- 5- Tem algum projeto na escola que trabalhe com o tema “Diversidade”?